

Apêndice VI a – Análise de Conteúdo das entrevistas com as educadoras

a – ENTREVISTA COM A CRIADORA DO PROJETO (RAQUEL)

EIXO DE ANÁLISE: ENTREVISTA COM A CRIADORA DO PROJETO Notas sociográficas		
CATEGORIAS e SUBCATEGORIAS		RECORTES
Formação acadêmica / trajetória profissional		
“Então, eu desde que terminei minha formação inicial (na Escola Superior de Educação) ...em 99...meu sonho sempre foi ter um espaço que fosse...meu. Construído à minha imagem e semelhança. Mas, quando saís de uma faculdade, de uma universidade também tens consciência que saís “verde”, ainda não sabes muito bem o quê que queres, não é? E... foi um pouco isso que aconteceu. Senti isso e disse: “ <i>Não. Primeiro tem que ganhar experiência e depois...o tempo logo dirá</i> ”. (p.01)		
“Fiquei a trabalhar onde fiz o meu estágio final, formação. Fiquei lá por cinco anos. Depois aquilo, entretanto fechou e... até 2017 eu andei a tapar buracos...o se chama “ <i>tapar buracos</i> ” ...fazia substituições”. (p.01)		
“Mas ganhei também...um traquejo imenso, uma capacidade de adaptação que não conhecia. Tinham amigas minhas que me diziam: “ <i>Não sei como que tu consegues estar constantemente a adaptar-te à situações novas, à espaços novos, à equipas novas, à formas de trabalhar...novas</i> ” Isso, também, acabou com a possibilidade de perceber melhor qual era o meu caminho. Aquilo que eu acredito, aquilo que eu acho que faz sentido e aquilo que não faz sentido. E desde essa altura, pá...desde 2004, que essa ideia foi se tornando cada vez mais presente”. (p.01)		
“Eu tenho que deixar de tapar buracos para construir algo...em que eu acredito e que me possa empenhar em duzentos por cento. E, existiram diversas tentativas...Teve parceria em Braga...Num espaço também muito similar a esse, uma casa em pedra”. (p.01)		
“Teve parceiro no Porto, mas, depois as rendas eram altíssimas...e eu também acho que eu fui, ao longo desse processo todo, inconscientemente encontrando desculpa não avançar. Hoje, acho que acabo por ter essa consciência...” (p.01)		
RENATA - Muito obrigada, não só pela conversa, mas, por todo esse ano. É um prazer conviver com vocês por todos esses dias. RAQUEL- “Obrigada e, a porta também estará sempre aberta. É tocar a campainha...eu sempre gostei...eu no início da minha carreira trabalhei, fui educadora cooperante na minha escola de formação – a ESE – e sempre gostei muito de...de ter pessoas de fora ou até mesmo pessoas que estejam em formação, porque elas trazem uma lufada de ar fresco...Eu sempre tive esse gosto por não deixar estagnar. Também acontece, muitas vezes com os professores, que é, deixam de ter tempo para formações, deixam de...e o ter gente de fora, seja lá em que estágio da sua vida, seja numa formação inicial seja numa formação mais aprofundada, é bom porque trazem coisas...nós damos, mas vocês também trazem uma bagagem que é maravilhosa. E trazem um outro ponto de vista...sobre o que nós fazemos e isso também é bom, porque nos ajuda a melhorar o trabalho que vamos fazendo...” (p.22/23)		
Motivações		
Pessoais		“Então, eu desde que terminei minha formação inicial... em 99...meu sonho sempre foi ter um espaço que fosse...meu. Construído à minha imagem e semelhança”. (p.01)

	“Um espaço que fosse...meu	“Isso, também, acabou com a possibilidade de perceber melhor qual era o meu caminho. Aquilo que eu acredito, aquilo que eu acho que faz sentido e aquilo que não faz sentido. E desde essa altura, pá...desde 2004, que essa ideia foi se tornando cada vez mais presente”. (p.01)
		“Eu tenho que deixar de tapar buracos para construir algo...em que eu acredito e que me possa empenhar em duzentos por cento. E, existiram diversas tentativas...” (p.01)
		“E, no último campo de férias que fiz, em 2016, no verão de 2016... eu tive uma mãe que disse: <i>“Olha, por que não transformas isto numa coisa mais permanente?”</i> ...E, eu pensei, realmente meu sonho era ter um espaço meu, mas, não sei como funcionava e por isto e por aquilo lá, foi encontrando uma série de justificações, e ela disse: <i>“Mas por que que não lanças uma proposta? Fala com eles, se calhar eles até... eu depois ajudo-te naquilo que precisares pois sou desta ou daquela área, já não sei bem de que área que ela era...o meu filho é a primeira inscrição, já tens aqui a inscrição”</i> . (Risos)”. (p.02)
	Recriar vivências da infância	“Porque possivelmente foram os dois pilares (<i>educação artística e contato com a natureza</i>) que tiveram uma importância mais forte durante o meu crescimento enquanto ser humano. E, em muitos momentos, no início em que estava eu sozinha, havia quase uma tentativa de reproduzir, entre aspas, momentos que eu considere importantes na minha infância, que eu acho que seriam importante as crianças também vivenciarem.” (p.03)
		REN - Eu já não tenho mais perguntas. Você quer falar mais alguma coisa? Tem alguma coisa que eu não perguntei que você ache importante? RAQ- “Não... acho que não. Até porque falamos de várias coisas, se calhar, coisas que não tem interesse nenhum”. REN - Quase todas as perguntas que eu tinha aqui não precisei perguntar. (Risos) RAQ- “No outro dia tive uma mãe que me ofereceu um livro no meu dia de anos e, eu disse-lhe: <i>“Ok, mas vais ter de escrever uma dedicatória”</i> e, ela disse que não havia problema, estava bem. E, eu fiquei impressionada com a quantidade de detalhes, ela descreveu o dia em que veio visitar o Heróis da Terra, pela primeira vez. E, ela foi a cada detalhe, ela tinha inclusive uns detalhes da roupa e dos sapatos que eu tinha vestido e que eu disse: <i>“Como é que tu lembras disso?”</i> . Eu, para fazer a reflexão contrária, deixe-me ver se consigo me lembrar do dia em que esta mãe veio-me visitar. Eu não consigo lembrar, lembro-me muito mal. E, uma coisa que ela referiu e, que diz que para ela foi muito importante, foi o facto de o Heróis da Terra ser um sonho amadurecido ao longo de vários anos. Que acabava por ser quase como um filho. E, é mais ou menos isto, isso foi um sonho que foi amadurecendo para aí ao longo de dez anos, com diversas tentativas falhadas... que depois nasceu, quase que como um filho, é verdade. Quase que como um filho porque é... (pausa)...o caráter, não é o caráter, aquilo que eu tento que o Heróis da Terra seja ou venha a ser, é um bocado a tentativa de replicar, como eu disse no início, a infância que eu acho que todas as crianças deveriam de ter e que foi a minha infância ”. (p.19/20)
Educativas	Componente da natureza / artística	“Porque eu queria algo que tivesse duas componentes muito fortes, componente da natureza e a componente artística, de expressão plástica e de expressão livre . E, eu acho que só em 2016, 2017 que a sociedade começou a ficar um bocadinho mais desperta para estas questões. Se eu tivesse arrancado com o Heróis da Terra mais cedo, se calhar, eu não ia ter a mesma receptividade. Porque foi o ano que chegou cá o Forest School , é o ano também em que começou a chegar cá...a ser mais reconhecido que chegou cá Reggio Emilia , que é o modelo assim pedagógico que eu...adoro.”. (p.02)
	Contato com a natureza	“Como...as desfolhadas, como as construções de colagens com margaridas... as vindimas...um bocado as coisas que são, que também está um bocadinho associadas às nossas tradições. Eu cresci numa quinta, minha avó tinha uma quinta onde tínhamos patos, galinhas, vacas...e tínhamos as vindimas, tínhamos as desfolhadas, tínhamos a páscoa, tínhamos o natal, e...num primeiro momento, eu acho que foi tentar proporcionar às crianças essa possibilidade.” (p.03)

		“E, depois, a parte do exterior. Quer dizer, eu como cresci numa quinta, tinha contacto com tudo e mais alguma coisa e também, depois, tínhamos muito o hábito de ir apanhar pinhas para o pinhal...depois de ver e procurar aquilo que existia e que aparecia...e eu acho que cada vez isso é o mais fundamental, porque só conseguimos respeitar aquilo que conhecemos. Se nós não conhecemos, não podemos respeitar...nem temos consciência que as coisas existem”. (p.03)
	Tradições	“Como...as desfolhadas, como as construções de colagens com margaridas... as vindimas...um bocado as coisas que são, que também está um bocadinho associadas às nossas tradições. Eu cresci numa quinta, minha avó tinha uma quinta onde tínhamos patos, galinhas, vacas...e tínhamos as vindimas, tínhamos as desfolhadas, tínhamos a páscoa, tínhamos o natal, e...num primeiro momento, eu acho que foi tentar proporcionar às crianças essa possibilidade.” (p.03)
	Artes	“Depois, ao longo da minha infância e da minha adolescência eu tive um pai sempre muito ligado à parte artística e, então, foi ele que me lançou essa sementinha, esse bichinho. Ainda que de uma forma um bocadinho desajeitada, mas, foi ele. E levava-nos aos museus... eu achava sempre uma “seca”, ele sabia que aquilo era importante, ele sabe que aquilo é importante, mas, depois faltava-lhe a capacidade de transformar aquilo numa leitura simples e encantatória para uma criança. Essa parte ele não tinha. Nós éramos capazes de ir ver uma exposição do Van Gogh e ele punha-se a falar da técnica que o mestre tinha usado para pintar o quadro. Não ia para além disso. Mas, foi ele que deixou esse bichinho e...” (p.03) “...eu acho que isso também é importante, ajuda seres humanos a serem mais completos... componente da música”. (p.03)
	Respeitar os ritmos	Pronto, e penso que foram um bocado essas razões todas que me levaram a...fazer nascer o Heróis da Terra, e uma outra coisa que eu também acho que é importante, e enquanto educadora que trabalhou em jardins de infância tradicionais, e que viu diferentes realidades...é sim senhor, as crianças tem que conhecer...elas percebem que cada coisa tem um ritmo. Mas, nós enquanto adultos, também temos de perceber que cada criança também tem um ritmo. E, nos espaços ditos mais tradicionais, muitas vezes nós, enquanto adultos, esquecemo-nos disto. E acreditamos que todos têm de ter o mesmo ritmo e há alguns que até se conseguem ir mantendo ali naquela linha...Mas, já há alguns que não conseguem. E nós achamos que só por não conseguirem tem algum problema ou algum...e, então, o tentar...olhar para cada pequeno ser humano, e olhar para ele enquanto um ser único e individual, que tem um ritmo próprio, que tem necessidades próprias. Eu acho que isso também é fundamental para crescermos de uma forma equilibrada, ajudando-os nesse processo de crescimento”. (p.03)
Trajectoria do Heróis da Terra		
“Até que encontrei este espaço, ou melhor dizendo, encontrei a horta, que é de uns familiares e propus de fazer campos de férias. E, foi em 2014... acho que foi 2014 ou 2015...E comecei por campos de férias”. (p.02)		
“E, no último campo de férias que fiz, em 2016, no verão de 2016... eu tive uma mãe que disse: <i>“Olha, por que não transformas isto numa coisa mais permanente?”</i>...E, eu pensei, realmente meu sonho era ter um espaço meu, mas, não sei como funcionava e por isto e por aquilo lá, foi encontrando uma série de justificações, e ela disse: <i>“Mas por que que não lanças uma proposta? Fala com eles, se calhar eles até... eu depois ajudo-te naquilo que precisares pois sou desta ou daquela área,</i> já não sei bem de que área que ela era...<i>o meu filho é a primeira inscrição, já tens aqui a inscrição”.</i> (Risos)”. (p.02)		
“Porque eu queria algo que tivesse duas componentes muito fortes, componente da natureza e a componente artística, de expressão plástica e de expressão livre. E, eu acho que só em 2016, 2017 que a sociedade começou a ficar um bocadinho mais desperta para estas questões. Se eu tivesse arrancado com o Heróis da Terra mais cedo, se calhar, eu não ia ter a mesma receptividade. Porque foi o ano que chegou cá o Forest School, é o ano também em que começou a chegar cá...a ser mais reconhecido que chegou cá Reggio Emilia, que é o modelo assim pedagógico que eu...adoro.”. (p.02)		

Concepções sobre Educação		
Inspirações / Referências Teóricas	Forest School	“Porque foi o ano que chegou cá o Forest School...”. (p.02)
	Reggio Emilia	“...é o ano também em que começou a chegar cá...a ser mais reconhecido que chegou cá Reggio Emilia, que é o modelo assim pedagógico que eu...adoro ”. (p.02)
		“...e Reggio Emilia tem a componente artística, tem também a componente da natureza, mas as crianças não estão em bolhas. É permitido o uso das novas, das novas não...das tecnologias, o reutilizar de materiais que, se calhar de outra forma iriam para o lixo e aí... e, então eu pronto, quando redigi o projeto educativo, do Heróis da Terra, foi um bocado com base nesses dois pilares, que é educação artística e contato com a natureza”. (p.02)
	Waldorf	“Também me identifico com Waldorf, mas, eu acho que Waldorf...acaba por criar uma espécie de uma bolha e as crianças crescem e vivem dentro daquela bolha um bocado alienadas...do mundo real...” (p.02)
	Teoria das múltiplas inteligências	“Eu acho que isso que também faz uma diferença grande...e é dar a possibilidade...de sentir as coisas com o corpo todo. Eu costumo dizer muitas vezes aos pais, possivelmente não era nada criado por mim (Risos), não foi nada inventado pela minha cabeça. Nós só aprendemos aquilo que sentimos com o corpo todo. Por exemplo, eu sempre fui péssima na matemática. E, eu acredito que se a matemática fosse sentida com o corpo todo, se tu sentisses a matemática com o teu corpo todo, tu interiorizavas a matemática de outra forma, porque estavas a senti-la e, então, ela vai entrando pelos porozinhos da pele. Quando fica tudo muito na base do abstrato, a coisa torna-se mais complicada. Por isso, é que temos que temos de levar a teoria das múltiplas inteligências . E, depois, elas não estão estanques entre si, não é? Elas também acabam por se “interajudar” umas às outras”. (p.05/06)
		“E eu também acredito que...se calhar, nós até temos mais do que sete, não é? Porque, nós podemos não ser bons no português e na matemática, a nível intelectual, mas, podemos ser muito bons...artistas plásticos, ou desportistas, ou músicos, ou...investigadores e exploradores da natureza. Portanto, eu quando fiz a minha especialização em ensino especial, tem uma frase de uma professora, que ficou registada que dizia: “ <i>Não há ninguém que não comunica</i> ”. Por mais profunda que seja a deficiência, toda a gente se comunica. Nós temos é que estar atentos, porque, às vezes, é... mexer quase que sem se perceber a ponta do dedo. Mas, é uma forma de comunicar. Portanto, todos nós temos algum tipo de inteligência. Agora, aquela que hoje em dia é dada mais importância...é a inteligência relacionada com a intelectual, não é? É aqui, esta bola que nós temos aqui em cima...eu, às vezes, quando estou mais irritada..., mas, para quê que temos o resto do corpo? Era muito mais simples se ficássemos só com a cabeça. As cabeças aí a rolar pela estrada..., mas, se nós não temos só a nossa cabeça é porque o resto do corpo também é preciso para alguma coisa né? E... precisamos de abrir este leque e não rotular as crianças só porque elas são boas em português ou matemática, ou física ou química. Não, tudo bem, elas não boas nisto, então, vamos procurar em quê que elas são boas. E se elas são boas numa outra coisa, então, ótimo. Maravilhoso. Vamos ajudá-la a ser não boa, mas, excelente nisso, para poder ter uma vida tranquila. Na medida, nem digo uma vida rica, mas, uma vida tranquila”. (p.06)
Pilares do projeto educativo	Natureza	“...e Reggio Emilia tem a componente artística, tem também a componente da natureza , mas as crianças não estão em bolhas. É permitido o uso das novas, das novas não...das tecnologias, o reutilizar de materiais que, se calhar de outra forma iriam para o lixo e aí... e, então eu pronto, quando redigi o projeto educativo, do Heróis da Terra, foi um bocado com base nesses dois pilares, que é educação artística e contato com a natureza ”. (p.02)

		“...e eu acho que cada vez isso é o mais fundamental, porque só conseguimos respeitar aquilo que conhecemos. Se nós não conhecemos, não podemos respeitar...nem temos consciência que as coisas existem. E, agora que se fala tanto, não é? Da nossa finitude enquanto planeta, já nem é enquanto humanos, é enquanto planeta...é importante que as crianças conheçam o planeta. E conhecer o planeta é conhecer a nossa rua, conhecer a comunidade que nos envolve, conhecer o pinhal, o bosque, o jardim público qualquer que seja, o que fica lá próximo...é conhecer os vizinhos, que é para todos juntos ir conhecendo-nos, aprendendo a nos respeitarmos, e juntos podemos construir algo que possa fazer sentido para todos, que seja melhor para todos. Melhor enquanto ser humano e melhor como cuidadores dessa casa comum que é o planeta Terra. Pronto, e penso que foram um bocado essas razões todas que me levaram a... fazer nascer o Heróis da Terra...” (p.03)
	Artes	“...e Reggio Emilia tem a componente artística, tem também a componente da natureza, mas as crianças não estão em bolhas. É permitido o uso das novas, das novas não...das tecnologias, o reutilizar de materiais que, se calhar de outra forma iriam para o lixo e aí... e, então eu pronto, quando redigi o projeto educativo, do Heróis da Terra, foi um bocado com base nesses dois pilares, que é educação artística e contato com a natureza. RENATA- E por que esses pilares? Como é que você... para você? RAQUEL- Porque possivelmente foram os dois pilares que tiveram uma importância mais forte durante o meu crescimento enquanto ser humano”. (p.02/03)
Preocupações pedagógicas	Orientações curriculares	RENATA - E, vocês têm essa preocupação de seguir... RAQUEL- “Nós seguimos as orientações curriculares sim. Tentamos, de alguma forma, dar resposta àquilo que é suposto as crianças aprenderem neste nível de ensino, não é? E, recorremos muitas vezes às orientações curriculares, claro que sim. Fazem parte do projeto educativo e são ferramentas de trabalho que usamos na construção dos portfólios. No nosso caso, digitais, colocamos nos portfólios digitais do grupo e nos portfólios digitais individuais. E construímos com eles, ao longo do ano, um portfólio em suporte de papel, mas... Ano passado foi assim e, este ano deve continuar assim...” (p.19)
	Sair da rotina / Adaptar-se	“No entanto, eles têm descoberto brincadeiras fabulosas... ainda tenho aí coisas do casamento, umas palets, e eles estão a dar diferentes usos a esses materiais. O que é maravilhoso, porque é mesmo isso que se pretende. A partir do momento em que uma coisa se torna rotineira, deixa de haver uma aprendizagem efetiva. Pode acontecer, mas, está na sua rotina, é mais ou menos a mesma coisa que se lavar os dentes todos os dias. A partir de uma determinada altura já sabes lavar os dentes, não é? Podes melhorar qualquer coisa, porque vai estar ali a experimentar a posição da escova ou o tipo de escova, mas, não passa muito daquilo”. (p.17/18)
		E com as brincadeiras deles é, exatamente, a mesma coisa. Se nós, de vez em quando, não alteramos o contexto, as aprendizagens deixam de ser “potenciadas”. Podem acontecer, mas acaba por ser aquela coisa da rotina e não há aquela coisa de (faz barulho para dar ênfase), <i>“ora bem, tenho que me readaptar. Bora lá, como é que vamos pensar agora nisto? Não temos bicicletas, e agora como é que vamos fazer?”</i>. (p.17/18) “Isso nos fazemos quer com o espaço exterior, quer com o espaço interior, com a sala... De vez em quando, “Vamos à horta” e, muitas vezes, de uma semana para a outra a horta está diferente. Porque se arrancaram coisas e plantaram-se coisas novas, porque eles próprios também, muitas vezes, participam desse processo, desde o plantar, mexer na terra ou arrancar. E, o próprio bosque, também tá sempre em constante transformação, porque a natureza é isso mesmo. E, depois, em função da estação do ano... eles têm que se readaptarem e se reajustar”. (p.18)

		É como andar no exterior com um dia de sol, um dia de chuva, um dia de trovoada, um dia de granizo. Eles têm que encontrar essa capacidade de se adaptarem àquela realidade. E, isso o quê que traz? Traz a aprendizagem". (p.18)
	Importância do processo	"Eu, ano passado, o Tobias, levou para casa um tubo de cartão com umas coisinhas coladas. E nós cometemos a falha de não...legendar, não fazer um pequeno roteiro daquele trabalho...Depois, na reunião de pais que tivemos a seguir com a mãe, ela diz: <i>"É, um dos trabalhos que ele levou para casa foi um rolo de cartão"</i>. Nós depois explicamos que tínhamos cometido a falha de não termos feito o roteiro e explicamos que aquilo não era um simples tubo com umas coisas coladas. Aquilo era árvore que o Tobias tinha construído. Para construir aquela árvore, ele tinha de mobilizar mais quatro amigos para fazerem as folhas, que eram os recortes que estavam colados na árvore. Tinha os posto a pintar, tinha conseguido coordenar a equipa: <i>"Tu vais cortar, tu vais pintar, não sei o quê..."</i>, e aquilo também foi uma coisa que durou uma manhã. Mas, foi um autêntico projeto". (p.08) RENATA - O produto final não é o mais importante, não é? RAQUEL- "Exatamente. Eu acho que isso acaba por ser, quase que uma frase que o pai vê sobre o Heróis da Terra: <i>"O produto final não é o mais importante. O importante é o processo que vai adquirindo ao longo do percurso"</i>. (p.13)
	Para o futuro	Eu, ano passado, o Tobias, levou para casa um tubo de cartão com umas coisinhas coladas. E nós cometemos a falha de não...legendar, não fazer um pequeno roteiro daquele trabalho...Depois, na reunião de pais que tivemos a seguir com a mãe, ela diz: <i>"É, um dos trabalhos que ele levou para casa foi um rolo de cartão"</i>. Nós depois explicamos que tínhamos cometido a falha de não termos feito o roteiro e explicamos que aquilo não era um simples tubo com umas coisas coladas. Aquilo era árvore que o Tobias tinha construído. Para construir aquela árvore, ele tinha de mobilizar mais quatro amigos para fazerem as folhas, que eram os recortes que estavam colados na árvore. Tinha os posto a pintar, tinha conseguido coordenar a equipa: <i>"Tu vais cortar, tu vais pintar, não sei o quê..."</i>, e aquilo também foi uma coisa que durou uma manhã. Mas, foi um autêntico projeto. Ele teve ali uma série de aprendizagens que no futuro serão ferramentas de trabalho incríveis. Saber trabalhar em equipa, saber coordenar uma equipa, saber delegar, são ferramentas de trabalho que todas as empresas hoje em dia procuram. E de uma forma muito informal, quer dizer, não fomos nós que sugerimos. Ele sozinho, sem intervenção nenhuma do adulto, nós estávamos lá a observar, conseguiu fazer isto tudo sozinho. Foi buscar as tesouras, buscar os marcadores, foi extraordinário. Ele tinha...não sei se ainda tinha os três anos feitos...". (p.08) "O nosso trabalho...é esse, são ferramentas que lhes vão ser fundamentais para o resto da vida toda, mesmo nos diferentes anos de ensino que eles vão passar, adquirirem essa capacidade de se organizarem, de distribuir tarefas, saber falar, saber pedir, saber convencer o outro que a ideia dele é interessante e por que não experimentar? Tudo isso são requisitos que nós enquanto adultos precisamos de..." (p.09) "Porque as crianças... as crianças têm isto. Nós enquanto crianças não ligamos muito se a outra criança que está do outro lado é alta, baixa, gorda ou magra, se tem pernas, se não tem pernas, se é verde, amarela ou azul. Nós primeiro olhamos para outra pessoa como alguém que é igual a nós, que tem os braços, as pernas, e não sei o quê mais, olha: <i>"Queres brincar comigo?"</i>. Tudo se reduz a isso. Nós somos todos seres humanos e, se vivenciarmos uma infância que nos ajude a perceber e a manter essa ideia de que somos todos seres humanos e todo o resto é supérfluo, talvez, quando formos adultos isso se mantenha. Precisamos de levar essa bagagem na nossa mochila, <i>"eu, acima de tudo, sou um ser humano como os outros todos que me rodeiam, independentemente do resto que os possa caracterizar"</i>. Eu acho que isso é mesmo uma ferramenta fundamental". (p.21)

	Socialização / interajuda / partilha	Eu, ano passado, o Tobias, levou para casa um tubo de cartão com umas coisinhas coladas. E nós cometemos a falha de não...legendar, não fazer um pequeno roteiro daquele trabalho...Depois, na reunião de pais que tivemos a seguir com a mãe, ela diz: “ <i>É, um dos trabalhos que ele levou para casa foi um rolo de cartão</i> ”. Nós depois explicamos que tínhamos cometido a falha de não termos feito o roteiro e explicamos que aquilo não era um simples tubo com umas coisas coladas. Aquilo era árvore que o Tobias tinha construído. Para construir aquela árvore, ele tinha de mobilizar mais quatro amigos para fazerem as folhas, que eram os recortes que estavam colados na árvore. Tinha os posto a pintar, tinha conseguido coordenar a equipa: “Tu vais cortar, tu vais pintar, não sei o quê...”, e aquilo também foi uma coisa que durou uma manhã. Mas, foi um autêntico projeto. Ele teve ali uma série de aprendizagens que no futuro serão ferramentas de trabalho incríveis. Saber trabalhar em equipa, saber coordenar uma equipa, saber delegar, são ferramentas de trabalho que todas as empresas hoje em dia procuram. E de uma forma muito informal, quer dizer, não fomos nós que sugerimos. Ele sozinho, sem intervenção nenhuma do adulto, nós estávamos lá a observar, conseguiu fazer isto tudo sozinho. Foi buscar as tesouras, buscar os marcadores, foi extraordinário. Ele tinha...não sei se ainda tinha os três anos feitos...”. (p.08)
		RENATA - E mesmo eles também enquanto crianças...
		RAQUEL- “E mesmo eles enquanto crianças....na questão das interações...nós também aqui fomentamos muito a questão da interajuda e da partilha. O facto de ser um grupo não homogêneo, que é heterogêneo, com crianças dos dois aos cinco, seis”. (p.09)
		RENATA - E não vêm nos mesmos dias, não é?
		RAQUEL- “E o facto de não virem nos mesmos dias, acaba por provocar uma série de interações e de questões de socialização, que de outra forma não aconteceria”. (p.09)
		“Isso é muito bonito de se observar, os meninos que já estão cá conosco desde o ano passado. Agora, com os novos, já tivemos alguns que choraram. E, é muito bonito de ver os meninos que já estão cá, irem ter com o amiguinho novo que chegou ou a amiguinha, lhes fazerem uma festa e lhes dar um beijo e dizer que as pessoas que trabalham aqui são amigas, que eles acabaram de conhecer aquela criança, que são amigas delas e as convidarem-nas para brincar. Isto é... maravilhoso, eu não tive em outro sítio...onde isso, se calhar até acontece, mas, onde isso fosse visível. E já passei por montanhas de sítios, não é? O receberes de braços abertos quem está a chegar, não é? E, de tu que és criança conseguir passar a outra criança a mensagem de: “Tu aqui vais ser feliz. Tá tranquilo!” , não se espera isso de crianças de dois anos e cinco meses, ou seis meses, mas, eles fazem. E é muito giro. Os pais que ficam...comovidos, eles abraçam e, eles dão beijos e... crianças que se conheceram há um minuto”. (p.09)
		“O facto de terem todos idades diferentes dá para construir também esses laços de fraternidade, não é? Os mais velhos ajudam a cuidar dos mais novos, os mais novos ajudam a cuidar dos mais velhos. Os mais novos ensinam os mais velhos a abrandar o ritmo, a observarem, estarem mais atentos e observarem coisas, às vezes, do tamanho de um alfinete”. (p.10)
		“O facto de terem todos idades diferentes dá para construir também esses laços de fraternidade, não é? Os mais velhos ajudam a cuidar dos mais novos, os mais novos ajudam a cuidar dos mais velhos. Os mais novos ensinam os mais velhos a abrandar o ritmo, a observarem, estarem mais atentos e observarem coisas, às vezes, do tamanho de um alfinete ”. (p.10)
		“E essa capacidade de partilha, de interajuda...eles aqui se interajudam-se, estão sempre a ajudar. Se é um que não sabe calçar as sapatilhas ou, até da mesma idade, um mais velho, outro mais novo vão e tentam ajudar. Em situações de conflito, muitas vezes os mais velhos vão tentar ajudar os mais novos numa situação de...” (p.10)
		“No início deste ano tínhamos as bicicletas e, eles adoram andar de bicicletas, tanto é que o ano letivo terminou, quase todos, acho que só o Lucas que não aprendeu a andar de bicicleta. Mas, os restantes aprenderam todos a andar de bicicletas aqui, sozinhos ”.

		RENATA - É, eu vi a Carla e a Luna nesse processo e achei incrível... RAQUEL- “Só com a ajuda e a colaboração dos amiguinhos. Nós, enquanto adultos, às vezes olhávamos e dizíamos: <i>“Oh! Aquele ali já está a andar!”</i>, foi um processo mesmo engraçado, muito, muito, muito engraçado. Tu observaste o da Carla e o da Luna, nós fomos observando o processo de todos e, um que foi, assim, gritante foi o do Gael. Ele num dia aprendeu a andar com a bicicleta de pedais. Nós, quando olhamos: <i>“Mas tu já andas?”</i>, e foi numa manhã... então, eles continuam muito entusiasmados com as bicicletas”. (p.17)
	Pertencimento / diversidade	“...foi o facto de o Heróis da Terra ser um sonho amadurecido ao longo de vários anos. Que acabava por ser quase como um filho. E, é mais ou menos isto, isso foi um sonho que foi amadurecendo para aí ao longo de dez anos, com diversas tentativas falhadas... que depois nasceu, quase que como um filho, é verdade. Quase que como um filho porque é... (pausa)...o caráter, não é o caráter, aquilo que eu tento que o Heróis da Terra seja ou venha a ser, é um bocado a tentativa de replicar, como eu disse no início, a infância que eu acho que todas as crianças deveriam de ter e que foi a minha infância. O que acaba por dar a este projeto, esse sentimento de família, de comunidade e de pertença. Nós temos meninos que foram agora embora e, eu continuo a dizer aos pais: <i>“Vocês continuam a fazer parte desta família. A porta está sempre aberta, é só tocarem a campainha e apareçam”</i>. E as crianças já andam a dizer que querem vir ao acampamento e que querem vir à festa do Natal...Porque o sentimento é mesmo esse: “Ok, os laços vão se transformar, porque eles ganharam asas e foram explorar o mundo, os laços transformam-se, como em qualquer família, mas eles sabem que podem voltar aqui, que aqui é um porto seguro, que estão bem...e isso é um bocado o que eu quero que o Heróis da Terra...pode perder tudo mas, essa ideia de “nós pertencemos todos à algo que nos é comum, e que esse comum nos pode ajudar a sermos melhores”, isso para mim é algo que... que é importante. E ter os miúdos a me mandar mensagem a dizer: <i>“Olha isto foi eu quem mandou”</i>, uma série de emojis que nunca mais acabam (Risos). Ter pais a mandarem mensagens pelo Facebook a agradecerem, mensagens públicas a agradecerem, quinhentas mil coisas... a Celina, outro dia leu e disse que chegou a ficar arrepiada. Porque eles foram voar para outros sítios, mas vão com esse sentimento de “ok, eu fiz, eu continuo a fazer parte de algo”...” (p.20) “Dessa história...E, eu acho que é importante, porque um dia mais tarde, quando nós olharmos para trás e percebemos que viemos de algum lado, não caímos, assim, do universo... ajuda-nos a encontrar quem nós somos. Nós somos isto porque tivemos isto tudo aqui para trás. Isto que está aqui para trás nos ajudou-nos a ser quem nós somos hoje. Eu acho que, quando eu olho para a minha infância... é mesmo isso que vejo. Eu sou assim, porque vivenciei todas essas coisas até hoje, porque o quê eu vivenciei ontem me ajuda para ser aquilo que eu sou hoje. Mas, aquilo que eu vivenciei quando era um bebê de colo, também. E isso, eu acho, que nos torna mais humanos e nos ajuda a olhar para o outro com um outro olhar: “Ok, independentemente de ser alto, gordo, magro, preto, branco, amarelo, azulado, seja o que for... tu, antes de ser isso tudo, és um ser humano, como eu”. E, isso nos dias que correm... (Risos)”. (p.21) “Porque as crianças... as crianças têm isto. Nós enquanto crianças não ligamos muito se a outra criança que está do outro lado é alta, baixa, gorda ou magra, se tem pernas, se não tem pernas, se é verde, amarela ou azul. Nós primeiro olhamos para outra pessoa como alguém que é igual a nós, que tem os braços, as pernas, e não sei o quê mais, olha: <i>“Queres brincar comigo?”</i>. Tudo se reduz a isso. Nós somos todos seres humanos e, se vivenciarmos uma infância que nos ajude a perceber e a manter essa ideia de que somos todos seres humanos e todo o resto é supérfluo, talvez, quando formos adultos isso se mantenha. Precisamos de levar essa bagagem na nossa mochila, “eu, acima de tudo, sou um ser humano como os outros todos que me rodeiam, independentemente do resto que os possa caracterizar”. Eu acho que isso é mesmo uma ferramenta fundamental”. (p.21)

		“...Por isso que, com essas migrações e tudo, aquelas pessoas que estão todas ali, independentemente de tudo, elas são seres humanos como nós”. RENATA - Fugindo de uma situação difícil... RAQUEL- “Fugindo de uma situação difícil. Claro que pode, no meio daquela gente toda, aparecer um...pode. Mas, somos todos seres humanos. E, os imigrantes que vem de outros países, que andam por este mundo... andamos todos por este mundo à procura de uma vida melhor, de uma vida mais estável, de uma vida...independentemente de tudo que nos obriga a mexer e a sair do nosso sítio, da nossa zona de conforto, nós somos todos seres humanos. É isso que se resume a nossa existência enquanto ser vivos. Aquilo que nos diferencia dos outros é sermos humanos, termos a capacidade de pensar diferente das dos outros. Porque os outros também pensam, mas, de formas diferentes. Há aí agora estudos que as árvores também comunicam, também falam e também pensam”. (p.22)
	Afetos	“O papel do educador aqui é...eu acho que é mais um facilitador. É um facilitador de... experiências, de exploração, de... afetos...Porque sem afeto, a aprendizagem também se torna mais difícil”. (p.05)
	Corpo	Eu acho que isso que também faz uma diferença grande...e é dar a possibilidade...de sentir as coisas com o corpo todo. Eu costumo dizer muitas vezes aos pais, possivelmente não era nada criado por mim (Risos), não foi nada inventado pela minha cabeça. Nós só aprendemos aquilo que sentimos com o corpo todo”. (p.05/06) Por exemplo, eu sempre fui péssima na matemática. E, eu acredito que se a matemática fosse sentida com o corpo todo, se tu sentisses a matemática com o teu corpo todo, tu interiorizavas a matemática de outra forma, porque estavas a senti-la e, então, ela vai entrando pelos porozinhos da pele. Quando fica tudo muito na base do abstrato, a coisa torna-se mais complicada. Por isso, é que temos que temos de levar a teoria das múltiplas inteligências. E, depois, elas não estão estanques entre si, não é? Elas também acabam por se “interajudar” umas às outras. (p.05/06)
		“Portanto, todos nós temos algum tipo de inteligência. Agora, aquela que hoje em dia é dada mais importância...é a inteligência relacionada com a intelectual, não é? É aqui, esta bola que nós temos aqui em cima...eu, às vezes, quando estou mais irritada..., mas, para quê que temos o resto do corpo? Era muito mais simples se ficassemos só com a cabeça. As cabeças aí a rolar pela estrada...mas, se nós não temos só a nossa cabeça é porque o resto do corpo também é preciso para alguma coisa né? E... precisamos de abrir este leque e não rotular as crianças só porque elas são boas em português ou matemática, ou física ou química. Não, tudo bem, elas não boas nisto, então, vamos procurar em quê que elas são boas. E se elas são boas numa outra coisa, então, ótimo. Maravilhoso. Vamos ajudá-la a ser não boa, mas, excelente nisso, para poder ter uma vida tranquila. Na medida, nem digo uma vida rica, mas, uma vida tranquila”. (p.06)
Conceções acerca espaços pedagógicos	Exteriores	RENATA - Então, o quê que você acha que as crianças aprendem ao ar livre? RAQUEL- “Tudo que aprendem num espaço fechado, só que de uma outra forma. Tens todas as componentes das orientações curriculares, das áreas dos conhecimentos, estão lá. Só que são feitas de uma outra forma, com outros recursos”. (p.18)
		“No exterior podes trabalhar conceitos matemáticos, conceitos de linguagem, podes trabalhar conceitos de escrita, podes trabalhar a psicomotricidade, podes trabalhar a expressão artística, podes trabalhar socialização, podes trabalhar interação, podes trabalhar tudo”. (p.18)
		“Refazes num... também num espaço fechado. Às vezes, num espaço fechado...podes, eventualmente, ter que criar...alguns momentos... tanto num espaço quanto no outro. Por exemplo, num espaço interior, quando queremos trabalhar os estados no tempo, tu tens tendência

		a mostrar fotografias, de recriar uma panela, ou uma coisa qualquer. Quando não é preciso, até porque para perceber os estágios do tempo tá na rua percebe, estás no exterior e percebe-se ". (p.18)
		Mas, no exterior tu, também, recrias alguns, podes, eventualmente, recriar algumas coisas que acontecem no interior, mas, é uma patetice. Porque basta deslocar aquilo que acontece no exterior e que são aprendizagens, basta deslocar para o interior. Aquilo que acontece no exterior e que tu vais recriar, que é uma coisa do interior, é simples. Vais para dentro de casa e a aprendizagem dá-se automaticamente". (p.18)
		"Tanto é que tu tens países onde as escolas são só no exterior e, as aprendizagens e os currículos são dados exatamente da mesma maneira. Os currículos não são adaptados para uma escola da Forest School ou do Beach School, agora também já há as escolas da praia e escolas da quinta, alguma coisa assim... as aprendizagens dão-se, só que com recursos a outro tipo de instrumentos. Em função do contexto onde tu estás ". (p.19)
	Interiores	"Refazes num... também num espaço fechado. Às vezes, num espaço fechado... podes, eventualmente, ter que criar...alguns momentos... tanto num espaço quanto no outro. Por exemplo, num espaço interior, quando queremos trabalhar os estados no tempo, tu tens tendência a mostrar fotografias, de recriar uma panela, ou uma coisa qualquer ". (p.18)
		Porque basta deslocar aquilo que acontece no exterior e que são aprendizagens, basta deslocar para o interior. Aquilo que acontece no exterior e que tu vais recriar, que é uma coisa do interior, é simples. Vais para dentro de casa e a aprendizagem dá-se automaticamente". (p.18)
	Interior x exterior	RENATA - Então, o quê que você acha que as crianças aprendem ao ar livre? RAQUEL- "Tudo que aprendem num espaço fechado, só que de uma outra forma. Tens todas as componentes das orientações curriculares, das áreas dos conhecimentos, estão lá. Só que são feitas de uma outra forma, com outros recursos". (p.18)
		"Eu acho que, tanto o exterior como o interior, são espaços que acabam por proporcionar as mesmas vivências e as mesmas aprendizagens, só que de formas diferenciadas. No interior...tu tens recursos que não tens no exterior e, vice-versa. Mas, as aprendizagens podem ser igualmente...igualmente feitas". (p.19)
"Agora, não acho que um contexto seja melhor que o outro, acho que as vivencias são efetuadas de formas diferentes, mas que podem dar respostas aos mesmos objetivos ou às mesmas orientações acadêmicas ". (p.19)		
CONCEÇÕES SOBRE AS EDUCADORAS		
Papeis	Facilitar	"O papel do educador aqui é...eu acho que é mais um facilitador. É um facilitador de... experiências, de exploração, de... afetos..." (p.05)
		"E... precisamos de abrir este leque e não rotular as crianças só porque elas são boas em português ou matemática, ou física ou química. Não, tudo bem, elas não boas nisto, então, vamos procurar em quê que elas são boas. E se elas são boas numa outra coisa, então, ótimo. Maravilhoso. Vamos ajudá-la a ser não boa, mas, excelente nisso, para poder ter uma vida tranquila. Na medida, nem digo uma vida rica, mas, uma vida tranquila". (p.06)
		"Portanto, o nosso trabalho é de muito de observar e ir: "Ok. Ele está a precisar de ajuda ali, vamos ver ". (p.08)
		"Agora, dá trabalho, dá muito mais trabalho...se trabalhares desta forma. Aparentemente, quem está de fora até pode dizer: "Ah! Trabalhar assim é uma maravilha, não tens que preparar atividade" ..., mas, é uma maneira muito mais difícil de se trabalhar, porque obriga a estar em constante reflexão e a interagir verdadeiramente com quem está a tua frente. Obriga-te a estar presente e... obriga-te, uma outra coisa que é importante, que é... muitas vezes, reduzir-te à tua insignificância. Que é tu seres mais um ser humano

		no meio destes seres humanos, que tu não tens resposta para tudo, que eles muitas vezes fazem perguntas sobre coisas para as quais não obtemos respostas porque não sabemos. E, isso é a coisa mais normal do mundo. Ok, tu não sabes, eu não sei e o que podemos fazer para solucionar esse problema? Ou ele vai para casa e pesquisa com os pais ou, nós vamos para casa e pesquisamos e depois trazemos uma resposta ou, então, se tentarmos encontrar uma resposta conjunta. Há uma montanha de coisas que se pode fazer, quando nós nos reduzimos à nossa insignificância que é, <i>“eu sou mais um ser humano no meio destes seres humanos”</i> . A única diferença é que somos, supostamente, maiores, supostamente, mais maduros (Risos)..., mas, somos seres humanos como eles, não temos as respostas todas. E isso...é o que eu acho, que acaba por ser, uma aprendizagem válida, porque nós não temos as respostas todas para tudo. E, não tendo as respostas nós, aqui, estamos fazendo muito é: “ok, eu não sei sobre isto, mas, posso tentar encontrar alguém que saiba e pedir a esse alguém para vir cá”. Podemos ver dentro do grupo de pais, quem é que sabe, quem é que pode vir... e construir uma verdadeira comunidade, seja ela da aprendizagem ou seja ela do que for. Mas, os pais também têm um papel importante... (p.10/11)
	Provocar	RENATA - Eu ia perguntar um pouco também sobre isso, como que vocês desenvolvem estes projetos? Como que chega a eles? RAQUEL- “Começamos primeiro a usar a observação. A observação é a principal ferramenta de trabalho, a observação e a reflexão. E, depois, mediante aquilo que cada criança nos vai indicando como: “Neste momento é isto que me interessa”. Nós, a partir daí, vamos lhes apresentando provocações relacionadas com este assunto que lhes está a interessar. E pode, eventualmente, esse tema ser um tema que só lhe interessa a ela, ou que só interessa a mais dois ou três e eles aproveitam e juntam-se. Ou até nos apercebemos que, afinal, aquele ponto de interesse não é só daquela criança, mas, acaba por ser do grupo todo, porque quando damos conta temos os dezesseis pequenitos em cima de nós a olhar para o livro que nós trouxemos, que fala sobre o tema que a criança lançou. Ou até pode não ser um tema. Pode ser, puro e simplesmente, algo...que suscitou interesse. Tão simples quanto um tubo de cartão e, as possibilidades sue aquele tubo de cartão podem suscitar e...” (p.07)
		“O que for preciso, pousamos um banco discretamente, e vemos qual é a reação daquela criança àquela provocação que nós pousamos em cima da mesa. Eles em Reggio chamam provocações , aquilo que tu vai apresentando em função dos interesses ou individuais ou de pequeno grupo ou do grande grupo”. (p.08/09)
		E, na maioria das vezes, o adulto, a única intervenção que tem é... preparar a provocação e depois mete-te a ti para trás e observa. E só intervém mesmo quando é estritamente necessário”. (p.08/09)
		“Como é que elas vivenciam? Elas vivenciam o Heróis da Terra de uma forma, eu acho, que de uma forma muito autônoma. Nós também fomentamos isso e, acabam por explorar os diferentes espaços, quer seja a casa, quer seja a horta, muito em função daquilo que o estar a interessar naquele dia e naquele momento”. (p.16)
		“Uma coisa que nós fazemos quando vemos que as brincadeiras se tornam muito repetitivas, é mudar o contexto. Mudar o contexto é, se for preciso tiramos tudo de dentro da sala e apresentamo-lhes uma sala vazia: “Ok, e agora?”. Este ano fizemos isso, eles ficaram ali na sala: <i>“Ah! E os nossos brinquedos? Não temos nada para brincar? Ok, então, vamos ter de inventar”.</i> E, acaba por proporcionar uma vivência nova do Heróis da Terra, daquele espaço que é do Heróis da Terra. No início deste ano tínhamos as bicicletas e, eles adoram andar de bicicletas, tanto é que o ano letivo terminou, quase todos, acho que só o Lucas que não aprendeu a andar de bicicleta. Mas, os restantes aprenderam todos a andar de bicicletas aqui, sozinhos”. (p.16/17)
		“...então, eles continuam muito entusiasmados com as bicicletas. Tivemos aqui um evento...e as bicicletas desapareceram e, desde que foi o evento, há mais ou menos um mês, não voltamos a colocar bicicletas. As bicicletas continuam desaparecidas, o que proporcionou

Ação pedagógica – princípios orientadores		outras vivências do Heróis da Terra, do espaço exterior. Até o dia treze, eles estavam muito focados nas bicicletas, só queriam andar de bicicleta, bicicleta, bicicleta... e, não se davam sequer ao trabalho de pensar em outras brincadeiras. Então, pronto, vamos testar. Vamos tirar as bicicletas e ver o que acontece. No entanto, eles têm descoberto brincadeiras fabulosas...” (p.17)
		“No entanto, eles têm descoberto brincadeiras fabulosas... ainda tenho aí coisas do casamento, umas palets , e eles estão a dar diferentes usos a esses materiais. O que é maravilhoso, porque é mesmo isso que se pretende. A partir do momento em que uma coisa se torna rotineira, deixa de haver uma aprendizagem efetiva. Pode acontecer, mas, está na sua rotina, é mais ou menos a mesma coisa que se lavar os dentes todos os dias. A partir de uma determinada altura já sabes lavar os dentes, não é? Podes melhorar qualquer coisa, porque vai estar ali a experimentar a posição da escova ou o tipo de escova, mas, não passa muito daquilo. E com as brincadeiras deles é, exatamente, a mesma coisa. Se nós, de vez em quando, não alteramos o contexto, as aprendizagens deixam de ser “potenciadas” . Podem acontecer, mas acaba por ser aquela coisa da rotina e não há aquela coisa de (faz barulho para dar ênfase), <i>“ora bem, tenho que me readaptar. Bora lá, como é que vamos pensar agora nisto? Não temos bicicletas, e agora como é que vamos fazer?”</i> . (p.17/18)
	Seguir os interesses das crianças	“ E, o nosso papel aqui, enquanto educadores, é um bocado...tentando perceber...quais são os interesses deles. E ao darmos essa possibilidade às crianças de explorarem e de seguirem aquilo que lhes interessa , nós estamos a dar a possibilidade de nos conhecermos um pouco melhor e deixar um bocadinho aquela ideia de: “Ok. Eu tenho aqui dezesseis crianças e vamos lá transformá-las num rebanho”. Não, vamos transformá-las em dezesseis coisas diferentes, porque elas são dezesseis seres humanos que são diferentes. E dentro desta diversidade... depois, se calhar, há a possibilidade de um elo ali que os consegue unir. Um ponto de interesse, não é? Depois, a partir daí, vão surgindo os projetos . Há projetos mais individuais, há os projetos de pequenos grupos e há os projetos de grande grupo”. (p.06/07)
		RENATA - Eu ia perguntar um pouco também sobre isso, como que vocês desenvolvem estes projetos? Como que chega a eles? RAQUEL- “Começamos primeiro a usar a observação. A observação é a principal ferramenta de trabalho, a observação e a reflexão. E, depois, mediante aquilo que cada criança nos vai indicando como: “Neste momento é isto que me interessa” . Nós, a partir daí, vamos lhes apresentando provocações relacionadas com este assunto que lhes está a interessar. E pode, eventualmente, esse tema ser um tema que só lhe interessa a ela, ou que só interessa a mais dois ou três e eles aproveitam e juntam-se . Ou até nos apercebemos que, afinal, aquele ponto de interesse não é só daquela criança, mas, acaba por ser do grupo todo, porque quando damos conta temos os dezesseis pequenitos em cima de nós a olhar para o livro que nós trouxemos, que fala sobre o tema que a criança lançou. Ou até pode não ser um tema. Pode ser, puro e simplesmente, algo...que suscitou interesse. Tão simples quanto um tubo de cartão e, as possibilidades sue aquele tubo de cartão podem suscitar e...” (p.07)
		“Portanto, o nosso trabalho é de muito de observar e ir: <i>“Ok. Ele está a precisar de ajuda ali, vamos ver”</i> . O que for preciso, pousamos um banco discretamente, e vemos qual é a relação daquela criança àquela provação que nós pousamos em cima da mesa. Eles em Reggio chamam provocações, aquilo que tu vai apresentando em função dos interesses ou individuais ou de pequeno grupo ou do grande grupo . E, na maioria das vezes, o adulto, a única intervenção que tem é... preparar a provocação e depois mete-te a ti para trás e observa. E só intervém mesmo quando é estritamente necessário”. (p.08/09)
	Intervir somente quando é necessário	“Portanto, o nosso trabalho é de muito de observar e ir: <i>“Ok. Ele está a precisar de ajuda ali, vamos ver”</i> . O que for preciso, pousamos um banco discretamente, e vemos qual é a relação daquela criança àquela provação que nós pousamos em cima da mesa. Eles em Reggio chamam provocações, aquilo que tu vai apresentando em função dos interesses ou individuais ou de pequeno grupo ou do grande grupo.

Observar		E, na maioria das vezes, o adulto, a única intervenção que tem é... preparar a provocação e depois mete-te a ti para trás e observa. E só intervém mesmo quando é estritamente necessário ". (p.08/09)
		"A principal ferramenta para nós conseguirmos perceber isto é observar. Observar e refletir sobre aquilo que estamos a observar". (p.04)
		"Não é? Mas, perderes...um minuto, meio minuto, dois minutos que sejam, para olhar aquele copo e tentar perceber que olhar que aquela criança está a ter aqui sobre este copo para deixar tão maravilhado. E tentar procurar e, quando consegues encontrar ficas igualmente maravilhada, porque aquilo deixa de ser só um copo pequeno. É... muito mais do que isso. É algo que tem ali na mão, que é quase um diamante que estás ali a olhar e pensas: <i>"Isto aqui é mesmo pequeno. Como é que é possível alguém conseguir inventar um copo de iogurte tão pequeno?"</i> . Sei lá. (Risos). Isso já sou eu, enquanto adulto, a racionalizar coisa". (p.05)
		"Portanto, eu quando fiz a minha especialização em ensino especial, tem uma frase de uma professora, que ficou registada que dizia: <i>"Não há ninguém que não comunica"</i> . Por mais profunda que seja a deficiência, toda a gente se comunica. Nós temos é que estar atentos, porque, às vezes, é... mexer quase que sem se perceber a ponta do dedo. Mas, é uma forma de comunicar". (p.06)
		"E, o nosso papel aqui, enquanto educadores, é um bocado... tentando perceber...quais são os interesses deles ". (p.06)
		RENATA - Eu ia perguntar um pouco também sobre isso, como que vocês desenvolvem estes projetos? Como que chega a eles? RAQUEL- "Começamos primeiro a usar a observação. A observação é a principal ferramenta de trabalho, a observação e a reflexão. E, depois, mediante aquilo que cada criança nos vai indicando como: <i>"Neste momento é isto que me interessa"</i>. Nós, a partir daí, vamos lhes apresentando provocações relacionadas com este assunto que lhes está a interessar. E pode, eventualmente, esse tema ser um tema que só lhe interessa a ela, ou que só interessa a mais dois ou três e eles aproveitam e juntam-se. Ou até nos apercebemos que, afinal, aquele ponto de interesse não é só daquela criança, mas, acaba por ser do grupo todo, porque quando damos conta temos os dezesseis pequenitos em cima de nós a olhar para o livro que nós trouxemos, que fala sobre o tema que a criança lançou". (p.07)
		"Mas, primeiro é preciso que haja tempo para observar. Em muitos sítios há educadores que trabalham com a metodologia de projetos, e em muitos sítios por onde eu passei que trabalhavam com metodologia de projeto. Ok, uma pessoa observa, mas, observa assim de soslaio, e depois, aparece-me, assim: <i>"Ah eles parece-me que andam interessados em dinossauros"</i>. Pronto, e vai o projeto dos dinossauros de uns vinte e cinco minutos, quando dá uns dez, nem querem saber mais dos dinossauros para nada. E... acaba por ser, muitas vezes, uma coisa do educador para as crianças". (p.07/08)
		Eu, ano passado, o Tobias, levou para casa um tubo de cartão com umas coisinhas coladas. E nós cometemos a falha de não...legendar, não fazer um pequeno roteiro daquele trabalho...Depois, na reunião de pais que tivemos a seguir com a mãe, ela diz: <i>"É, um dos trabalhos que ele levou para casa foi um rolo de cartão"</i> . Nós depois explicamos que tínhamos cometido a falha de não termos feito o roteiro e explicamos que aquilo não era um simples tubo com umas coisas coladas. Aquilo era árvore que o Tobias tinha construído. Para construir aquela árvore, ele tinha de mobilizar mais quatro amigos para fazerem as folhas, que eram os recortes que estavam colados na árvore. Tinha os posto a pintar, tinha conseguido coordenar a equipa: <i>"Tu vais cortar, tu vais pintar, não sei o quê..."</i>, e aquilo também foi uma coisa que durou uma manhã. Mas, foi um autêntico projeto. Ele teve ali uma série de aprendizagens que no futuro serão ferramentas de trabalho incríveis. Saber trabalhar em equipa, saber coordenar uma equipa, saber delegar, são ferramentas de trabalho que todas as empresas hoje em dia procuram. E de uma forma muito informal, quer dizer, não fomos nós que sugerimos. Ele sozinho, sem intervenção nenhuma do adulto, nós estávamos lá a observar, conseguiu fazer isto tudo sozinho. Foi buscar as tesouras, buscar os marcadores, foi extraordinário. Ele tinha...não sei se ainda tinha os três anos feitos...". (p.08)

		“Portanto, o nosso trabalho é de muito de observar e ir: <i>“Ok. Ele está a precisar de ajuda ali, vamos ver”</i>. O que for preciso, pousamos um banco discretamente, e vemos qual é a reação daquela criança àquela provação que nós pousamos em cima da mesa. Eles em Reggio chamam provocações, aquilo que tu vai apresentando em função dos interesses ou individuais ou de pequeno grupo ou do grande grupo. E, na maioria das vezes, o adulto, a única intervenção que tem é... preparar a provocação e depois mete-te a ti para trás e observa. E só intervém mesmo quando é estritamente necessário”. (p.08/09)
		“Uma coisa que nós fazemos quando vemos que as brincadeiras se tornam muito repetitivas, é mudar o contexto. Mudar o contexto é, se for preciso tiramos tudo de dentro da sala e apresentamo-lhes uma sala vazia: <i>“Ok, e agora?”</i>. Este ano fizemos isso, eles ficaram ali na sala: <i>“Ah! E os nossos brinquedos? Não temos nada para brincar? Ok, então, vamos ter de inventar”</i>. E, acaba por proporcionar uma vivência nova do Heróis da Terra, daquele espaço que é do Heróis da Terra. No início deste ano tínhamos as bicicletas e, eles adoram andar de bicicletas, tanto é que o ano letivo terminou, quase todos, acho que só o Lucas que não aprendeu a andar de bicicleta. Mas, os restantes aprenderam todos a andar de bicicletas aqui, sozinhos”. (p.16/17)
		“No início deste ano tínhamos as bicicletas e, eles adoram andar de bicicletas, tanto é que o ano letivo terminou, quase todos, acho que só o Lucas que não aprendeu a andar de bicicleta. Mas, os restantes aprenderam todos a andar de bicicletas aqui, sozinhos”. RENATA - É, eu vi a Carla e a Luna nesse processo e achei incrível... RAQUEL- “Só com a ajuda e a colaboração dos amiguinhos. Nós, enquanto adultos, às vezes olhávamos e dizíamos: <i>“Oh! Aquele ali já está a andar!”</i>, foi um processo mesmo engraçado, muito, muito, muito engraçado. Tu observaste o da Carla e o da Luna, nós fomos observando o processo de todos e, um que foi, assim, gritante foi o do Gael. Ele num dia aprendeu a andar com a bicicleta de pedais. Nós, quando olhamos: <i>“Mas tu já andas?”</i>, e foi numa manhã... então, eles continuam muito entusiasmados com as bicicletas”. (p.17)
	Reflexão	“A principal ferramenta para nós conseguirmos perceber isto é observar. Observar e refletir sobre aquilo que estamos a observar”. (p.04)
		“Não é? Mas, perderes...um minuto, meio minuto, dois minutos que sejam, para olhar aquele copo e tentar perceber que olhar que aquela criança está a ter aqui sobre este copo para deixar tão maravilhado. E tentar procurar e, quando consegues encontrar ficas igualmente maravilhada, porque aquilo deixa de ser só um copo pequeno. É... muito mais do que isso. É algo que tem ali na mão, que é quase um diamante que estás ali a olhar e pensas: <i>“Isto aqui é mesmo pequeno. Como é que é possível alguém conseguir inventar um copo de iogurte tão pequeno?”</i>. Sei lá. (Risos). Isso já sou eu, enquanto adulto, a racionalizar coisa”. (p.05)
		RENATA - Eu ia perguntar um pouco também sobre isso, como que vocês desenvolvem estes projetos? Como que chega a eles? RAQUEL- “Começamos primeiro a usar a observação. A observação é a principal ferramenta de trabalho, a observação e a reflexão. E, depois, mediante aquilo que cada criança nos vai indicando como: “Neste momento é isto que me interessa”. Nós, a partir daí, vamos lhes apresentando provocações relacionadas com este assunto que lhes está a interessar. E pode, eventualmente, esse tema ser um tema que só lhe interessa a ela, ou que só interessa a mais dois ou três e eles aproveitam e juntam-se. Ou até nos apercebemos que, afinal, aquele ponto de interesse não é só daquela criança, mas, acaba por ser do grupo todo, porque quando damos conta temos os dezesseis pequenitos em cima de nós a olhar para o livro que nós trouxemos, que fala sobre o tema que a criança lançou”. (p.07)
		“Agora, dá trabalho, dá muito mais trabalho...se trabalhares desta forma. Aparentemente, quem está de fora até pode dizer: <i>“Ah! Trabalhar assim é uma maravilha, não tens que preparar atividade”</i> ..., mas, é uma maneira muito mais difícil de se trabalhar, porque obriga a estar em constante reflexão e a interagir verdadeiramente com quem está a tua frente. Obrigate a estar presente e... obriga-

	te, uma outra coisa que é importante, que é... muitas vezes, reduzir-te à tua insignificância. Que é tu seres mais um ser humano no meio destes seres humanos, que tu não tens resposta para tudo, que eles muitas vezes fazem perguntas sobre coisas para as quais não obtemos respostas porque não sabemos. E, isso é a coisa mais normal do mundo. Ok, tu não sabes, eu não sei e o que podemos fazer para solucionar esse problema? Ou ele vai para casa e pesquisa com os pais ou, nós vamos para casa e pesquisamos e depois trazemos uma resposta ou, então, se tentarmos encontrar uma resposta conjunta. Há uma montanha de coisas que se pode fazer, quando nós nos reduzimos à nossa insignificância que é, <i>“eu sou mais um ser humano no meio destes seres humanos”</i>. A única diferença é que somos, supostamente, maiores, supostamente, mais maduros (Risos)..., mas, somos seres humanos como eles, não temos as respostas todas. E isso...é o que eu acho, que acaba por ser, uma aprendizagem válida, porque nós não temos as respostas todas para tudo. E, não tendo as respostas nós, aqui, estamos fazendo muito é: <i>“ok, eu não sei sobre isto, mas, posso tentar encontrar alguém que saiba e pedir a esse alguém para vir cá”</i>. (p.10/11)
	Projetos “Não, vamos transformá-las em dezesseis coisas diferentes, porque elas são dezesseis seres humanos que são diferentes. E dentro desta diversidade.. depois, se calhar, há a possibilidade de, um elo ali que os consegue unir. Um ponto de interesse, não é? Depois, a partir daí, vão surgindo os projetos. Há projetos mais individuais, há os projetos de pequenos grupos e há os projetos de grande grupo”. (p.06/07) RENATA - Eu ia perguntar um pouco também sobre isso, como que vocês desenvolvem estes projetos? Como que chega a eles? RAQUEL- “Começamos primeiro a usar a observação. A observação é a principal ferramenta de trabalho, a observação e a reflexão. E, depois, mediante aquilo que cada criança nos vai indicando como: <i>“Neste momento é isto que me interessa”</i>. Nós, a partir daí, vamos lhes apresentando provocações relacionadas com este assunto que lhes está a interessar. E pode, eventualmente, esse tema ser um tema que só lhe interessa a ela, ou que só interessa a mais dois ou três e eles aproveitam e juntam-se. Ou até nos apercebemos que, afinal, aquele ponto de interesse não é só daquela criança mas, acaba por ser do grupo todo, porque quando damos conta temos os dezesseis pequenitos em cima de nós a olhar para o livro que nós trouxemos, que fala sobre o tema que a criança lançou. Ou até pode não ser um tema. Pode ser, puro e simplesmente, algo...que suscitou interesse. Tão simples quanto um tubo de cartão e, as possibilidades que aquele tubo de cartão podem suscitar e...” (p.07) Ou até pode não ser um tema. Pode ser, puro e simplesmente, algo...que suscitou interesse. Tão simples quanto um tubo de cartão e, as possibilidades que aquele tubo de cartão podem suscitar e... por exemplo, no início deste ano letivo e está a ser muito engraçado, pois as dinâmicas se alteraram muito, saíram muitos, entraram muitos, dos que ficaram, nota-se que estão mais crescidos e as dinâmicas são completamente diferentes. Este ano, eles têm tido um interesse enorme pelos bancos onde se sentam e constroem casas. Já construíram casas de mil formas diferentes com aqueles bancos. E, só por ser uma coisa que surgiu com a Flora. A Flora que começou a construir as casinhas, a usar os bancos, e agora já tem uns cinco ou seis com ela nessa exploração. Porque eles antes usavam o banco só para sentar, mas eles já perceberam que se virarem o banco, aquilo dá para fazer de uma cadeira. E, então, depois empilham bancos deitados dessa maneira em cima dos outros e fazem telhados com aquilo. É lindíssimo de observar. Eu, até um dia desses, disse: Se calhar, o projeto...que vai ser vivenciado por eles, se calhar, é mesmo o das casas. Como é que as casas se constroem? Como é que podemos construir uma casa? ”. (p.07) “Mas, primeiro é preciso que haja tempo para observar. Em muitos sítios há educadores que trabalham com a metodologia de projetos, e em muitos sítios por onde eu passei que trabalhavam com metodologia de projeto. Ok, uma pessoa observa mas, observa assim de soslaio, e depois, aparece-me, assim: “Ah eles parece-me que andam interessados em dinossauros”. Pronto, e vai o

		projeto dos dinossauros de uns vinte e cinco minutos, quando dá uns dez, nem querem saber mais dos dinossauros para nada. E... acaba por ser, muitas vezes, uma coisa do educador para as crianças ". (p.07/08)
		RENATA - Projetar nas crianças alguma coisa...
		RAQUEL- "E não ao contrário... Nós que temos de ir de encontro deles, temos de ir percebendo e ajudando nas construções desses projetos . p.08)
		"Há muitos projetos que acabam por ser projetos de uma manhã ou de uma hora, porque foi algo que suscitou o interesse naquele momento, ele durante aquele momento explora, mas, depois se uma pessoa sugere: <i>"Ah! Lembra-se daquilo que estiveste a fazer de manhã? Não queres brincar outra vez disto?"</i> , muitas vezes ele já não quer. Pronto, foi uma coisa que durou...mas, ele com aquilo teve uma série de aprendizagens ". (p.08)
		Eu, ano passado, o Tobias, levou para casa um tubo de cartão com umas coisinhas coladas. E nós cometemos a falha de não...legendar, não fazer um pequeno roteiro daquele trabalho...Depois, na reunião de pais que tivemos a seguir com a mãe, ela diz: <i>"É, um dos trabalhos que ele levou para casa foi um rolo de cartão"</i> . Nós depois explicamos que tínhamos cometido a falha de não termos feito o roteiro e explicamos que aquilo não era um simples tubo com umas coisas coladas. Aquilo era árvore que o Tobias tinha construído. Para construir aquela árvore, ele tinha de mobilizar mais quatro amigos para fazerem as folhas, que eram os recortes que estavam colados na árvore. Tinha os posto a pintar, tinha conseguido coordenar a equipa: <i>"Tu vais cortar, tu vais pintar, não sei o quê.."</i> , e aquilo também foi uma coisa que durou uma manhã. Mas, foi um autêntico projeto. Ele teve ali uma série de aprendizagens que no futuro serão ferramentas de trabalho incríveis. Saber trabalhar em equipa, saber coordenar uma equipa, saber delegar, são ferramentas de trabalho que todas as empresas hoje em dia procuram. E de uma forma muito informal, quer dizer, não fomos nós que sugerimos. Ele sozinho, sem intervenção nenhuma do adulto, nós estávamos lá a observar, conseguiu fazer isto tudo sozinho. Foi buscar as tesouras, buscar os marcadores, foi extraordinário. Ele tinha...não sei se ainda tinha os três anos feitos...". (p.08)
		"E, depois, é termos a capacidade de...descermos ao nível deles e de nos tornarmos mais um entre os pares" . (p.04)
		Ao contrário daquilo que acontece às vezes em outro espaço, em que um adulto vai e está... não está a fazer de conta que está a fazer de conta... <i>"eu vou fazer de conta que sou uma criança aqui ou que sou filho nesta brincadeira. E eu vou fazer de conta que sou filho nesta brincadeira"</i> . Não. É baixar-se ao nível deles e deixar saltar cá para cima a criança que ainda existe cá dentro, entrar na brincadeira...e tornar a brincadeira tão real quanto...uma criança de três, de quatro ou de dois anos consegue tornar real. (p.04)
		"Agora, dá trabalho, dá muito mais trabalho...se trabalhares desta forma. Aparentemente, quem está de fora até pode dizer: <i>"Ah! Trabalhar assim é uma maravilha, não tens que preparar atividade"</i> ...mas, é uma maneira muito mais difícil de se trabalhar, porque obriga a estar em constante reflexão e a interagir verdadeiramente com quem está a tua frente. Obriga-te a estar presente e... ". (p.10/11)
		Obriga-te a estar presente e... obriga-te, uma outra coisa que é importante, que é...muitas vezes, reduzir-te à tua insignificância. Que é tu seres mais um ser humano no meio destes seres humanos, que tu não tens resposta para tudo, que eles muitas vezes fazem perguntas sobre coisas para as quais não obtemos respostas porque não sabemos. E, isso é a coisa mais normal do mundo. Ok, tu não sabes, eu não sei e o que podemos fazer para solucionar esse problema? Ou ele vai para casa e pesquisa com os pais ou, nós vamos para casa e pesquisamos e depois trazemos uma resposta ou, então, se tentarmos encontrar uma resposta conjunta". (p.10/11)
		Há uma montanha de coisas que se pode fazer, quando nós nos reduzimos à nossa insignificância que é, "eu sou mais um ser humano no meio destes seres humanos". A única diferença é que somos, supostamente, maiores, supostamente, mais maduros
Relação pedagógica	"Nos tornarmos mais um entre os pares"	

		(Risos)...mas, somos seres humanos como eles, não temos as respostas todas. E isso...é o que eu acho, que acaba por ser, uma aprendizagem válida, porque nós não temos as respostas todas para tudo. E, não tendo as respostas nós, aqui, estamos fazendo muito é: <i>“ok, eu não sei sobre isto mas, posso tentar encontrar alguém que saiba e pedir a esse alguém para vir cá”</i> . (p.10/11)
	Encantamento	<i>“É trazer já a cima a capacidade de te encantares...com os pequenos nadas. E isso é verdadeiramente extraordinário”</i> . (p.04)
		<i>“E, neste ano com o Gael, ele tem uma capacidade de ver o mundo, verdadeiramente extraordinária. Não só ele, mas ele tocou-me de uma forma mesmo especial. Nós quando fomos ao parque biológico. Não, acho que foi quando fomos à Quinta de S. I., ao lanche, ele terminou de beber um iogurte e depois veio ter comigo com o copo na mão e dizia-me com o ar mais encantado do mundo: “O Raquel, é um copo de iogurte mesmo pequenininho!”. Mas, com um entusiasmo...que eu olhei para aquele copo de iogurte e só me pude deixar maravilhar pelo tamanho do copo, porque não tinha mesmo outra hipótese. Quando é a coisa mais banal do mundo é tu encontrar pequenos copos de iogurte, mas ele...para ele aquilo estava sendo uma coisa verdadeiramente extraordinária. E, se nós conseguirmos desconstruir as nossas...tudo aquilo que construímos enquanto adultos, ainda conseguimos chegar lá, à essa...zona quase...que mais selvagem ou mais animal do nosso ser, que é deixar se encantar por um copo de iogurte. (p.04)</i>
		RENATA - Que engraçado, porque é mais animal mas, é quase que transcendente também, vai de um polo ao outro. RAQUEL- <i>“É...mas, é a...maravilhoso! E...a maioria das nossas educadoras não...nem sequer lhes é dado essa possibilidade. Porque, já tem...tantos horários para cumprir nas suas rotinas, às vezes não é porque não querem. Outras vezes é que pelo processo é que foram perdendo a capacidade ou foram se desencantando até com a própria profissão. Mas, quem fica a perder são, são as nossas crianças”</i> . (p.04/05)
		Mas, quem fica a perder são, são as nossas crianças. Porque consegues encontrar um adulto que.. para a criança conseguir encontrar um adulto que se deixe encantar ou maravilhar com um copo de iogurte, eu acho que deve ser a coisa mais extraordinária. Porque muitos adultos diriam: <i>“Oh! É só mais um copo de iogurte! Vai pôr no lixo”</i> . (Risos). (p.04/05)
		<i>“Não é? Mas, perderes...um minuto, meio minuto, dois minutos que sejam, para olhar aquele copo e tentar perceber que olhar que aquela criança está a ter aqui sobre este copo para deixar tão maravilhado. E tentar procurar e, quando consegues encontrar ficas igualmente maravilhada, porque aquilo deixa de ser só um copo pequeno. É...muito mais do que isso. É algo que tem ali na mão, que é quase um diamante que estás ali a olhar e pensas: “Isto aqui é mesmo pequeno. Como é que é possível alguém conseguir inventar um copo de iogurte tão pequeno?”</i> . Sei lá. (Risos). Isso já sou eu, enquanto adulto, a racionalizar coisa”. (p.05)
		<i>“Pronto. Mas, é essa.. eu...aqui no Heróis da Terra, é tentar encontrar adultos que se juntem ao Heróis da Terra, ainda que possam não ter essa capacidade, não é não ter, porque eles têm. Ainda que possam, eventualmente, tê-la perdido, ou tê-la esquecido dentro de si, que voltem a se reencontrar e que voltem se deixar encantar ao longo do processo educativo por um simples copo de iogurte. Que uma criança te vem mostrar está: “Uau! Olha! Encontrei uma coisa extraordinária!”</i> . (p.05)
		<i>“E..eu acredito e tenho a certeza que, ao fazermos isso nós de alguma forma, estamos a contribuir para essa criança quando for um adulto, possa também, depois, se deixar encantar com as coisas que a vida nos vai oferecer né? E isso é importante. Só um adulto...com a capacidade de se deixar encantar por um copo de iogurte, é que possivelmente vai conseguir encontrar novas respostas para outras coisas. É porque se deixou encantar por uma coisa que, se calhar, mais ninguém iria e, que depois começou a procurar, a investigar, a desenhar...porque pode ser tanto na medicina quanto na arquitetura, como em todas as áreas. Só essa pessoa com a capacidade de se encantar, é que, possivelmente, se calhar, são esses que conseguem encontrar as soluções para as coisas que não têm resposta agora. Ou,</i>

		então, se já tem, se calhar, conseguem encontrar novas respostas e novas soluções. A vida te apresenta, seja por um livro, seja para...” (p.05)
		“Os mais novos ensinam os mais velhos a abrandar o ritmo, a observarem, estarem mais atentos e observarem coisas, às vezes, do tamanho de um alfinete”. RENATA - As miudezas, né? RAQUEL- “Porque nós quando vamos crescendo, a nossa capacidade quase que aumenta na mesma proporção. Quase que só consegues observar coisas que veem bem e, quanto mais pequeno és... também observa as coisas mais pequenas, também porque está mais rente...se lá. Os pequeninos têm capacidade de observar coisas que estão mais rentes ao chão. Talvez porque eles próprios estão mais perto do chão, o ângulo de visão é mais baixo. Mas, gostam de observar coisas muito, muito pequeninas e, depois, é maravilhoso nós observarmos que existe a tal capacidade de encantamento, que é os meninos de cinco anos ou de seis, ficam maravilhados pela coisa minúscula. E, nós, somos “totós”...se não nos deixarmos trabalhar também essa nossa capacidade de nos deixar maravilhar por a cabeça do alfinete que eles encontraram...o mundo fica com outra...outra...dimensão”. (p.10)
Concepções sobre as crianças		
Características	Têm um ritmo	“Mas, nós enquanto adultos, também temos de perceber que cada criança também tem um ritmo”. (p.03)
		“E, nos espaços ditos mais tradicionais, muitas vezes nós, enquanto adultos, esquecemo-nos disto. E acreditamos que todos têm de ter o mesmo ritmo e há alguns que até se conseguem ir mantendo ali naquela linha...Mas, já há alguns que não conseguem”. (p.03)
		“Mas, já há alguns que não conseguem E nós achamos que só por não conseguirem tem algum problema ou algum...e, então, o tentar...olhar para cada pequeno ser humano, e olhar para ele enquanto um ser único e individual, que tem um ritmo próprio, que tem necessidades próprias. Eu acho que isso também é fundamental para crescermos de uma forma equilibrada, ajudando-os nesse processo de crescimento”. (p.03)
		“Os mais novos ensinam os mais velhos a abrandar o ritmo, a observarem, estarem mais atentos e observarem coisas, às vezes, do tamanho de um alfinete”. (p.10)
	“Pequeno ser humano”	“...olhar para cada pequeno ser humano , e olhar para ele enquanto um ser único e individual, que tem um ritmo próprio, que tem necessidades próprias”. (p.03)
		Fazendo-os ver que eles têm, apesar de pequenos, também têm uma opinião válida ”. (p.03)
		“E, depois, é termos a capacidade de...descermos ao nível deles e de nos tornarmos mais um entre os pares. Ao contrário daquilo que acontece às vezes em outro espaço, em que um adulto vai e está...não está a fazer de conta que está a fazer de conta.. <i>“eu vou fazer de conta que sou uma criança aqui ou que sou filho nesta brincadeira. E eu vou fazer de conta que sou filho nesta brincadeira”</i> . Não. É baixar-se ao nível deles e deixar saltar cá para cima a criança que ainda existe cá dentro, entrar na brincadeira...e tornar a brincadeira tão real quanto...uma criança de três, de quatro ou de dois anos consegue tornar real. (p.04)
	Ser único e individual	“...olhar para cada pequeno ser humano, e olhar para ele enquanto um ser único e individual , que tem um ritmo próprio, que tem necessidades próprias ”. (p.03)
		“Não, vamos transformá-las em dezesseis coisas diferentes, porque elas são dezesseis seres humanos que são diferentes . E dentro desta diversidade.. depois, se calhar, há a possibilidade de, um elo ali que os consegue unir. Um ponto de interesse, não é?” (p.07)

	Têm uma opinião válida	Fazendo-os ver que eles têm, apesar de pequenos, também têm uma opinião válida . E, que no meio de uma hipótese...todas as respostas estão certas. Quando não sabemos a resposta certa, todas as respostas estão certas...e fazê-las sentir que... a opinião delas é importante . Que pode fazer a diferença, que pode construir um bocadinho um caminho novo...isso, eu acho que isso é fundamental e é importante para um crescimento equilibrado e saudável de cada indivíduo”. (p.03)
	São empáticas / ajudam-se	“Isso é muito bonito de se observar, os meninos que já estão cá conosco desde o ano passado. Agora, com os novos, já tivemos alguns que choraram. E, é muito bonito de ver os meninos que já estão cá, irem ter com o amiguinho novo que chegou ou a amiguinha, lhes fazerem uma festa e lhes dar um beijo e dizer que as pessoas que trabalham aqui são amigas, que eles acabaram de conhecer aquela criança, que são amigas delas e as convidarem-nas para brincar. Isto é...maravilhoso, eu não tive em outro sítio...onde isso, se calhar até acontece, mas, onde isso fosse visível. E já passei por montanhas de sítios, não é? O receberes de braços abertos quem está a chegar, não é? E, de tu que és criança conseguir passar a outra criança a mensagem de: “Tu aqui vais ser feliz. Tá tranquilo!”, não se espera isso de crianças de dois anos e cinco meses, ou seis meses, mas, eles fazem . E é muito giro. Os pais que ficam...comovidos, eles abraçam e, eles dão beijos e...crianças que se conheceram há um minuto”. (p.09)
		“E essa capacidade de partilha, de interajuda...eles aqui se interajudam-se, estão sempre a ajudar. Se é um que não sabe calçar as sapatilhas ou, até da mesma idade, um mais velho, outro mais novo vão e tentam ajudar.” (p.10)
		Em situações de conflito, muitas vezes os mais velhos vão tentar ajudar os mais novos numa situação de...” (p.10)
		“Porque as crianças... as crianças têm isto. Nós enquanto crianças não ligamos muito se a outra criança que está do outro lado é alta, baixa, gorda ou magra, se tem pernas, se não tem pernas, se é verde, amarela ou azul. Nós primeiro olhamos para outra pessoa como alguém que é igual a nós, que tem os braços, as pernas, e não sei o quê mais, olha: “Queres brincar comigo?”. Tudo se reduz a isso . Nós somos todos seres humanos e, se vivenciarmos uma infância que nos ajude a perceber e a manter essa ideia de que somos todos seres humanos e todo o resto é supérfluo, talvez, quando formos adultos isso se mantenha. Precisamos de levar essa bagagem na nossa mochila, “ <i>eu, acima de tudo, sou um ser humano como os outros todos que me rodeiam, independentemente do resto que os possa caracterizar</i> ”. Eu acho que isso é mesmo uma ferramenta fundamental”. (p.21)
	“Ficam maravilhados pela coisa minúscula”	“E, neste ano com o Gael, ele tem uma capacidade de ver o mundo, verdadeiramente extraordinária . Não só ele, mas ele tocou-me de uma forma mesmo especial. Nós quando fomos ao parque biológico. Não, acho que foi quando fomos à Quinta de S. I., ao lanche, ele terminou de beber um iogurte e depois veio ter comigo com o copo na mão e dizia-me com o ar mais encantado do mundo: “O Raquel, é um copo de iogurte mesmo pequenininho!” . Mas, com um entusiasmo...que eu olhei para aquele copo de iogurte e só me pude deixar maravilhar pelo tamanho do copo, porque não tinha mesmo outra hipótese. Quando é a coisa mais banal do mundo é tu encontrar pequenos copos de iogurte, mas ele...para ele aquilo estava sendo uma coisa verdadeiramente extraordinária. E, se nós conseguirmos desconstruir as nossas...tudo aquilo que construímos enquanto adultos, ainda conseguimos chegar lá, à essa...zona quase...que mais selvagem ou mais animal do nosso ser, que é deixar se encantar por um copo de iogurte. (p.04)
		“Os mais novos ensinam os mais velhos a abrandar o ritmo, a observarem, estarem mais atentos e observarem coisas, às vezes, do tamanho de um alfinete”. RENATA - As miudezas, né? (p.10)
		RENATA - As miudezas, né? RAQUEL- “Porque nós quando vamos crescendo, a nossa capacidade quase que aumenta na mesma proporção. Quase que só conseguimos observar coisas que veem bem e, quanto mais pequeno és... também observa as coisas mais pequenas, também porque está mais

		rente...sei lá. Os pequeninos têm capacidade de observar coisas que estão mais rentes ao chão. Talvez porque eles próprios estão mais perto do chão, o ângulo de visão é mais baixo. Mas, gostam de observar coisas muito, muito pequeninas e, depois, é maravilhoso nós observarmos que existe a tal capacidade de encantamento, que é os meninos de cinco anos ou de seis, ficam maravilhados pela coisa minúscula”. (p.10)
Concepções sobre as famílias		
Papéis	Aliados	RENATA - E, como você vê a participação dos pais? O envolvimento deles? RAQUEL- “Para mim, enquanto educadora, eu acho que é fundamental . E eles, melhor do que nós, conhecem os seus filhos. Portanto, há coisas que nós não, com um mês de observação, ficamos a conhecer a criança de frente e de verso. Quer dizer, os pais são aliados importantes , tentar perceber quais são os anseios, as preocupações, as expectativas, e, tentar perceber até que ponto eles querem ou estão interessados em pedir, mas, não é interferir, em colaborar conosco na construção de um ser humano mais verdadeiro, mais equilibrado, isso é fundamental. Nós chamamos muito os pais”. (p.11)
Relação com os pais	Participação	mais verdadeiro, mais equilibrado, isso é fundamental. Nós chamamos muito os pais”. (p.11)
	Em projetos	“Agora, dá trabalho, dá muito mais trabalho...se trabalhares desta forma. Aparentemente, quem está de fora até pode dizer: <i>“Ah! Trabalhar assim é uma maravilha, não tens que preparar atividade”</i> ...mas, é uma maneira muito mais difícil de se trabalhar, porque obriga a estar em constante reflexão e a interagir verdadeiramente com quem está a tua frente. Obriga-te a estar presente e...obriga-te, uma outra coisa que é importante, que é...muitas vezes, reduzir-te à tua insignificância. Que é tu seres mais um ser humano no meio destes seres humanos, que tu não tens resposta para tudo, que eles muitas vezes fazem perguntas sobre coisas para as quais não obtemos respostas porque não sabemos. E, isso é a coisa mais normal do mundo. Ok, tu não sabes, eu não sei e o que podemos fazer para solucionar esse problema? Ou ele vai para casa e pesquisa com os pais ou, nós vamos para casa e pesquisamos e depois trazemos uma resposta ou, então, se tentarmos encontrar uma resposta conjunta. Há uma montanha de coisas que se pode fazer, quando nós nos reduzimos à nossa insignificância que é, <i>“eu sou mais um ser humano no meio destes seres humanos”</i> . A única diferença é que somos, supostamente, maiores, supostamente, mais maduros (Risos)...mas, somos seres humanos como eles, não temos as respostas todas. E isso...é o que eu acho, que acaba por ser, uma aprendizagem válida, porque nós não temos as respostas todas para tudo. E, não tendo as respostas nós, aqui, estamos fazendo muito é: <i>“ok, eu não sei sobre isto mas, posso tentar encontrar alguém que saiba e pedir a esse alguém para vir cá”</i> . Podemos ver dentro do grupo de pais, quem é que sabe, quem é que pode vir... e construir uma verdadeira comunidade, seja ela da aprendizagem ou seja ela do que for. Mas, os pais também têm um papel importante.. (p.10/11)
		“Mas, depois existe uma.. ou melhor dizendo, está a acontecer algo que nós já esperávamos mas, ao mesmo tempo, ainda tínhamos esperança de que não fosse acontecer. Que é, se tem horas que os pais interessam-se, querem participar, mas, depois, como é que nós vamos fazer isso acontecer? E, essa é outra aprendizagem que nós vamos ter ao longo deste ano, que é: <i>“Como é que nós vamos fazer acontecer, se é uma real participação regular e efetiva dos pais nas dinâmicas aqui do Heróis da Terra, desta comunidade?”</i> . Isso vai ser um desafio, porque nós temos convidado os pais ao longo do ano e convidamos pontualmente vários, até para virem cá ajudar a desenvolver alguns projetos.. ” (p.12)
		RENATA - O avô do André... RAQUEL- “O avô do André, o pai do Lucas no início com as pontes.. passou aí um dia ou dois dias, a fazer pontes com eles. Os pais do Otto e da Luna ficaram com a construção de uma música da floresta para a rádio floresta, que os miúdos criaram na floresta.

		E, os pais, também, vieram cá passar uma tarde conosco e, juntos, construíram a letra, utilizaram os recursos da natureza para criar a banda sonora da música (Risos).. quais mais pais que tenham vindo? Assim, ajudaram a construir coisas.. mas, agora assim, de repente não me estou a lembrar”. (p.12)
	Manutenção / utilitário (fazer algo para eles/as)	“Nós chamamos muito os pais. RENATA - E como é a resposta deles? Como vem sendo? RAQUEL- “ A resposta é positiva. Agora no início, na reunião de pais, nós resolvemos confiar nos pais para nos ajudar a organizar alguns eventos que nós vamos fazer ao longo do ano, e eles acharam interessante, querem participar ”. (p.11/12)
		“Mas, temos pais que nos vem ajudar na manutenção das bicicletas ou do carro, ou montam o baloiço , já nos ofereceram um escorrega.. no verão já nos ofereceram um escorrega d’água e trouxeram”. (p.12)
		Eu acho que isso, mais do que uma festa de natal tradicional onde cada grupo.. e nós aqui só temos um, apresentam uma série de números para os pais verem, para mim o que faz sentido no Natal ou noutra altura qualquer é...vamos, as crianças já tiveram a trabalhar o ano todo, vamos agora os pais preparar qualquer coisa para os filhos. Vamos todos juntos fazer qualquer coisa, e muitos dos grupos juntaram-se e improvisaram coisas quase que no dia, na hora. Não tiveram meses em ensaios.. e isso é que é proveitoso. Pegar a nossa capacidade criativa à flor da pele , e, depois, está sempre tudo bem, mesmo que calhe tudo super mal, o que nunca calha (Risos), está tudo bem, porque o principal objetivo foi atingido, que é as crianças conhecerem-se, conviverem, brincarem..” (p.13)
		“Há pais que nos pedem: “ <i>Eu hoje tive folga, posso ir passar uma tarde com vocês?</i> ”. E vem passar uma tarde conosco, fazem uns jogos e umas brincadeiras... ” (p.12)
	Convivência	“...nas datas mais relevantes.. sim, claro, no natal e no final do ano são os dois pontos mais altos aqui no Heróis da Terra. Os pais participam e organizam-se, no sentido de.. o ano passado, no convívio de natal, os pais organizaram-se por grupos uns construíram.. apresentaram canções, outros fizeram uma peça de teatro, outros foram para a cozinha cozinhar, outros puseram a mesa ”. (p.12)
		“E, o desafio é, como é que pomos essa malta toda a interagir? Pessoas que não se conhecem, e, aí, no natal foi interessante porque tivemos uma mãe que pôs toda a gente a bulir e, ainda bem que ela estava cá porque ela conseguiu mesmo por os grupos todos a funcionar. Conseguiu que todos os grupos de organizassem. E, depois, acabou por ser um convívio de Natal, um bocado uma réplica daquilo que eu acho que deva ser um convívio de Natal, que é à volta da mesa, de pé porque não havia sítio pra se sentar toda a gente, mas, à volta da mesa pessoas para conviverem, se conhecerem-se melhor, conversarem.. as crianças estavam super felizes, porque os pais fizeram peças de teatro para eles verem, as canções, e, depois, as crianças, elas próprias, também se iam introduzindo nas diferentes apresentações, e o ambiente foi mesmo, um ambiente quase que de uma família com cem membros, e deu a possibilidade às pessoas de também se conhecerem um bocadinho melhor. Eu acho que isso, mais do que uma festa de natal tradicional onde cada grupo.. e nós aqui só temos um, apresentam uma série de números para os pais verem, para mim o que faz sentido no Natal ou noutra altura qualquer é...vamos, as crianças já tiveram a trabalhar o ano todo, vamos agora os pais preparar qualquer coisa para os filhos. Vamos todos juntos fazer qualquer coisa, e muitos dos grupos juntaram-se e improvisaram coisas quase que no dia, na hora. Não tiveram meses em ensaios.. e isso é que é proveitoso. Pegar a nossa capacidade criativa à flor da pele, e, depois, está sempre tudo bem, mesmo que calhe tudo super mal, o que nunca calha (Risos), está tudo bem, porque o principal objetivo foi atingido, que é as crianças conhecerem-se, conviverem, brincarem.. ” (p.12/13)
		“No final do ano, foi o acampamento. Os pais também se organizaram, viram quem não tinha tendas, organizaram-se, trouxeram tendas, uns não sabiam montar, outros sabiam montar.. e, as pessoas interagem. É, realmente, um verdadeiro espírito de comunidade e de

		interajuda. Estamos ali todos, alguns trouxeram comida, toda a gente partilhou. Histórias, contam histórias à volta da fogueira e depois, as crianças foram dormir, alguns pais também.. Teve um grupinho de pais que ficou à volta da lareira até às quinhentas, a comer o resto que tinha sobrado (Risos). E, é isso que dá sentido ao trabalho...” (p.13)
Como vivenciam o Heróis da Terra (Perceção do trabalho que se faz)		
No passado crianças	“Não se davam sequer ao trabalho de pensar em outras brincadeiras”	RENATA - E, como você vê a participação dos pais? O envolvimento deles? RAQUEL- “Para mim, enquanto educadora, eu acho que é fundamental. E eles, melhor do que nós, conhecem os seus filhos. Portanto, há coisas que nós não, com um mês de observação, ficamos a conhecer a criança de frente e de verso. Quer dizer, os pais são aliados importantes, tentar perceber quais são os anseios, as preocupações, as expectativas, e, tentar perceber até que ponto eles querem ou estão interessados em pedir, mas, não é interferir, em colaborar conosco na construção de um ser humano mais verdadeiro, mais equilibrado, isso é fundamental. Nós chamamos muito os pais”. (p.11)
No presente crianças	Autonomia	“Como é que elas vivenciam? Elas vivenciam o Heróis da Terra de uma forma, eu acho, que de uma forma muito autônoma. Nós também fomentamos isso e, acabam por explorar os diferentes espaços, quer seja a casa, quer seja a horta, muito em função daquilo que o estar a interessar naquele dia e naquele momento ”. (p.16)
		“No início deste ano tínhamos as bicicletas e, eles adoram andar de bicicletas, tanto é que o ano letivo terminou, quase todos, acho que só o Lucas que não aprendeu a andar de bicicleta. Mas, os restantes aprenderam todos a andar de bicicletas aqui, sozinhos ”. RENATA - É, eu vi a Carla e a Luna nesse processo e achei incrível... RAQUEL- “ Só com a ajuda e a colaboração dos amiguinhos. Nós, enquanto adultos, às vezes olhávamos e dizíamos: “ <i>Oh! Aquele ali já está a andar!</i> ”, foi um processo mesmo engraçado, muito, muito, muito engraçado. Tu observaste o da Carla e o da Luna, nós fomos observando o processo de todos e, um que foi, assim, gritante foi o do Gael. Ele num dia aprendeu a andar com a bicicleta de pedais. Nós, quando olhamos: “ <i>Mas tu já andas?</i> ”, e foi numa manhã.. então, eles continuam muito entusiasmados com as bicicletas”. (p.17)
	Descobrem brincadeiras	“Então, pronto, vamos testar. Vamos tirar as bicicletas e ver o que acontece. No entanto, eles têm descoberto brincadeiras fabulosas.. ainda tenho aí coisas do casamento, umas palets, e eles estão a dar diferentes usos a esses materiais. O que é maravilhoso, porque é mesmo isso que se pretende ”. (p.17)
		“E, foram eles que sugeriram colocar aquelas palets mais aqui próximas e tem alguma coisa com a música, aquilo já foram cabanas, já foram fornos, já.. todos os dias acho que acaba por ser uma coisa diferente, e têm descoberto o espaço de uma outra forma ”. (p.18)
	Participam do processo de transformação da horta	“Isso nos fazemos quer com o espaço exterior, quer com o espaço interior, com a sala... De vez em quando, “ Vamos à horta ” e, muitas vezes, de uma semana para a outra a horta está diferente. Porque se arrancaram coisas e plantaram-se coisas novas, porque eles próprios também, muitas vezes, participam desse processo, desde o plantar, mexer na terra ou arrancar ”. (p.18)
	Adaptam-se à realidade	“Isso nos fazemos quer com o espaço exterior, quer com o espaço interior, com a sala... De vez em quando, “ Vamos à horta ” e, muitas vezes, de uma semana para a outra a horta está diferente. Porque se arrancaram coisas e plantaram-se coisas novas, porque eles próprios também, muitas vezes, participam desse processo, desde o plantar, mexer na terra ou arrancar. E, o próprio bosque, também tá sempre em constante transformação, porque a natureza é isso mesmo. E, depois, em função da estação do ano.. eles têm que se

		readaptarem e se reajustar. É como andar no exterior com um dia de sol, um dia de chuva, um dia de trovoadas, um dia de granizo. Eles têm que encontrar essa capacidade de se adaptarem àquela realidade. E, isso o quê que traz? Traz a aprendizagem ". (p.18)
No presente pais	Sentem-se acolhidos/as	"E, é isso que dá sentido ao trabalho...e, os pais têm referido muito isso nas reuniões de final de ano, de fechos e de reflexão então: " <i>O que é que correu bem? O que não correu bem? O quê não correspondeu?</i> ". Os pais nos referem sempre esse sentido de comunidade, de família, que está a ser construído e que eles se sentem inseridos ". (p.13)
		"E o facto de não ser um espaço onde a formalidade seja algo presente, porque o ambiente é algo muito informal , e nós tratamos os pais por "tu" e eles nos tratam por "tu". E não é o facto de ser o por "tu" que seja.. ele também ajuda e, o facto deles virem e de sentirem a: "Eu venho e eu posso estar aqui" ". (p.13)
		" Os pais vêm e podem estar , eles, às vezes, até ficam mais tempo do que gostaríamos porque, já sabes que são sete horas e eles estão cansados e gostam muito da energia do espaço e querem ficar até o pôr do sol ". (p.14)
		Mas, terem esse sentimento de " <i>Ah eu vou e posso estar. Não há nada que me esteja a ser escondido</i> ", muitas vezes, eu acho que posso um bocadinho no papel dos pais o espaço de escolas tradicionais, e, eu entendo as complicações todas. Eu acho que, às vezes, os pais ficam um bocadinho com este sentimento, que é: " <i>Eu tenho o meu filho numa escola e eu fico com uma sensação de que não sou bem-vindo. Ou, só sou bem-vindo na altura em que elas me chamam, no dia do pai ou no dia da mãe, no dia do tio, no dia da avó. E, todo o resto do ano eu não sou bem-vindo, porque eu tenho que deixar meu filho à porta da escola, entregue à uma auxiliar ou uma assistente, o que for, quase que não me é permitido entrar na sala e ver o espaço onde o meu filho vive quase oito horas por dia</i> ". Muitas vezes isso não é permitido aos pais e, isso é uma coisa que os pais me dizem como pontos a valorizar e a manter, que é a ideia de: "Ok, eu pertenço aqui e esse espaço também é meu, não é só do meu filho, também é meu. E aquilo que eu penso, aquilo que eu acredito, as minhas preocupações e os meus medos também são tidos em conta" ". (p.14)
		Mas, terem esse sentimento de " <i>Ah eu vou e posso estar. Não há nada que me esteja a ser escondido</i> ", muitas vezes, eu acho que posso um bocadinho no papel dos pais o espaço de escolas tradicionais, e, eu entendo as complicações todas. Eu acho que, às vezes, os pais ficam um bocadinho com este sentimento, que é: "Eu tenho o meu filho numa escola e eu fico com uma sensação de que não sou bem-vindo. Ou, só sou bem-vindo na altura em que elas me chamam, no dia do pai ou no dia da mãe, no dia do tio, no dia da avó. E, todo o resto do ano eu não sou bem-vindo, porque eu tenho que deixar meu filho à porta da escola, entregue à uma auxiliar ou uma assistente, o que for, quase que não me é permitido entrar na sala e ver o espaço onde o meu filho vive quase oito horas por dia" . Muitas vezes isso não é permitido aos pais e, isso é uma coisa que os pais me dizem como pontos a valorizar e a manter, que é a ideia de: "Ok, eu pertenço aqui e esse espaço também é meu, não é só do meu filho, também é meu. E aquilo que eu penso, aquilo que eu acredito, as minhas preocupações e os meus medos também são tidos em conta" ". (p.14)
		RENATA - Porque eles também precisam de ser acolhidos... RAQUEL- Isso. Eles também precisam de ser abraçados e de ouvirem dizer: "Não, tá tranquilo, isto é normal. E, agora vai, daqui uns dois, três minutos ou no meio da manhã eu vou te enviar uma fotografia por WhatsApp do teu filho a sorrir" . E quando isso acontece, e os pais recebem a fotografia, eles, depois, quando regressam ficam: " <i>Ah! Não imaginas como me tranquilizou aquela fotografia que mandaste</i> ". (p.14)
		"Uma coisa tão simples como uma fotografia e, se hoje em dia toda a gente anda de telemóvel, mesmo quando não é permitido, as pessoas andam com o telemóvel enfiado no bolso das calças, no bolso da bata, no bolso de sei lá o quê, então, vamos usar essa

		ferramenta também. Vamos torná-la também uma coisa positiva, não é só para saber se o namorado está bem, se o marido está bem, se o mundo caiu lá fora. Não, vamos também usá-la para poder nos ajudar a deixar os nossos pais a sentirem-se bem e a sentirem-se mais seguros. E, coisa que nós fazemos”. (p.14)
		“A Celina quando veio para cá dizia-me: <i>“Tens um jeito imenso pra fazer os pais sentirem que os filhos também estão seguros”</i>. E, uma das coisas eu passo é essa: <i>“Vai tranquilo. Ele tá a chorar mas, daqui a meio minuto já não chora. Eu mando-te uma fotografia”</i>. E mandar a fotografia faz mesmo toda a diferença para alguém que está a deixar o seu filho com um grupo de pessoas que não conhece de lado nenhum, num espaço que não conhece, não sabe exatamente as dinâmicas. Viu no Facebook, achas giro mas, o quê que é exatamente, não sabe. É uma maneira muito boa de os conseguir tranquilizar”. (p.14/15)
		“Outra coisa é, na fase da adaptação, nós deixamos sempre que os pais estejam cá umas duas ou três horas no período de adaptação, ou a manhã ou, no ano passado deixávamos à tarde mas, agora priorizamos sempre o período da manhã. E os pais estão e ficam”. (p.15)
		“Mas, é fundamental para os pais e, este ano isso foi claro e evidente, porque nós tivemos crianças de dois anos que não choraram, tivemos crianças de dois anos que choraram muito. E, os pais puderam observar esse processo de adaptação das outras crianças. Por exemplo: <i>“A da minha filha no primeiro e no segundo dia não chorou, a outra criança, no primeiro dia, chorou imenso mas, no segundo dia já chorou menos. E, o meu filho começou agora a chorar, e agora, como é que vai ser?”</i>. Mas, os pais já têm o registo de: “Ok, aquela criança que chorou muito no primeiro dia, no segundo dia já chorou menos, no terceiro dia já não chorou quase nada e, eu pude perceber como é que os adultos que trabalham naquela instituição lidaram com isso”. Se berraram, se atiraram a criança pela janela, se puseram ao canto, se acolheram ou se abraçaram. E, até as próprias crianças. Os pais puderam observar os que estavam cá e puderam dar abraço, dar beijo e dizer: “Anda, anda a brincar. Vais gostar de estar cá”. Isso, também, é importante. Porque, o processo, às vezes, poderia ser mais longo”. (p.15)
		Mas, é fundamental para os pais e, este ano isso foi claro e evidente, porque nós tivemos crianças de dois anos que não choraram, tivemos crianças de dois anos que choraram muito. E, os pais puderam observar esse processo de adaptação das outras crianças. Por exemplo: <i>“A da minha filha no primeiro e no segundo dia não chorou, a outra criança, no primeiro dia, chorou imenso mas, no segundo dia já chorou menos. E, o meu filho começou agora a chorar, e agora, como é que vai ser?”</i>. Mas, os pais já têm o registo de: <i>“Ok, aquela criança que chorou muito no primeiro dia, no segundo dia já chorou menos, no terceiro dia já não chorou quase nada e, eu pude perceber como é que os adultos que trabalham naquela instituição lidaram com isso”</i>. Se berraram, se atiraram a criança pela janela, se puseram ao canto, se acolheram ou se abraçaram. E, até as próprias crianças. Os pais puderam observar os que estavam cá e puderam dar abraço, dar beijo e dizer: <i>“Anda, anda a brincar. Vais gostar de estar cá”</i>. Isso, também, é importante. Porque, o processo, às vezes, poderia ser mais longo”. (p.15)
		“...foi o facto de o Heróis da Terra ser um sonho amadurecido ao longo de vários anos. Que acabava por ser quase como um filho. E, é mais ou menos isto, isso foi um sonho que foi amadurecendo para aí ao longo de dez anos, com diversas tentativas falhadas.. que depois nasceu, quase que como um filho, é verdade. Quase que como um filho porque é.. (pausa)...o caráter, não é o caráter, aquilo que eu tento que o Heróis da Terra seja ou venha a ser, é um bocado a tentativa de replicar, como eu disse no início, a infância que eu acho que todas as crianças deveriam de ter e que foi a minha infância. O que acaba por dar a este projeto, esse sentimento de família, de comunidade e de pertença. Nós temos meninos que foram agora embora e, eu continuo a dizer aos pais: “Vocês continuam a fazer parte desta família. A porta está sempre aberta, é só tocarem a campainha e apareçam”. E as crianças já andam a dizer que querem

		vir ao acampamento e que querem vir à festa do Natal...Porque o sentimento é mesmo esse: <i>“Ok, os laços vão se transformar, porque eles ganharam asas e foram explorar o mundo, os laços transformam-se, como em qualquer família, mas eles sabem que podem voltar aqui, que aqui é um porto seguro, que estão bem...”</i> e isso é um bocado o que eu quero que o Heróis da Terra...pode perder tudo mas, essa ideia de <i>“nós pertencemos todos à algo que nos é comum, e que esse comum nos pode ajudar a sermos melhores”</i> , isso para mim é algo que... que é importante. E ter os miúdos a me mandar mensagem a dizer: <i>“Olha isto foi eu quem mandou”</i> , uma série de emojis que nunca mais acabam (Risos). Ter pais a mandarem mensagens pelo Facebook a agradecerem, mensagens públicas a agradecerem, quinhentas mil coisas.. a Celina, outro dia leu e disse que chegou a ficar arrepiada. Porque eles foram voar para outros sítios, mas vão com esse sentimento de <i>“ok, eu fiz, eu continuo a fazer parte de algo”...</i> ” (p.20)
	Desafios	“Mas, depois existe uma.. ou melhor dizendo, está a acontecer algo que nós já esperávamos mas, ao mesmo tempo, ainda tínhamos esperança de que não fosse acontecer . Que é, se tem horas que os pais interessam-se, querem participar, mas, depois, como é que nós vamos fazer isso acontecer? E, essa é outra aprendizagem que nós vamos ter ao longo deste ano, que é: <i>“Como é que nós vamos fazer acontecer, se é uma real participação regular e efetiva dos pais nas dinâmicas aqui do Heróis da Terra, desta comunidade?”</i> . Isso vai ser um desafio, porque nós temos convidado os pais ao longo do ano e convidamos pontualmente vários, até para virem cá ajudar a desenvolver alguns projetos..” (p.12)
		“E, o desafio é, como é que pomos essa malta toda a interagir? Pessoas que não se conhecem, e, aí, no natal foi interessante porque tivemos uma mãe que pôs toda a gente a bulir e, ainda bem que ela estava cá porque ela conseguiu mesmo por os grupos todos a funcionar. Conseguiu que todos os grupos de organizassem”. (p.12)
		“Os pais vêm e podem estar, eles, às vezes, até ficam mais tempo do que gostaríamos porque, já sabes que são sete horas e eles estão cansados e gostam muito da energia do espaço e querem ficar até o pôr do sol”. (p.14)
		“Claro que para nós, enquanto educadoras, pode ser um bocado desconfortável porque tens ali mais uns elementos que lhe são desconhecidos, para além das crianças, ainda tens os pais que são desconhecidos. Mas, é fundamental para os pais e, este ano isso foi claro e evidente, porque nós tivemos crianças de dois anos que não choraram, tivemos crianças de dois anos que choraram muito”. (p.15)
		“Porque, o processo (de adaptação), às vezes, poderia ser mais longo. Porque muitas vezes, nós mesmas já percebemos, que, às vezes, a presença do pai também pode não ser benéfica . Porque, muitas vezes, não preciso botar crianças a clarear as pontes e fazer os laços com as crianças e com os adultos, principalmente, as crianças que estiveram até agora em casa e que conviveram, essencialmente, com o adulto que as traz. Muitas vezes essas pontes não são feitas. Nós temos que fazer entender e explicar aos pais que a presença deles pode não ser tão boa . Mas, como eles já tiveram a oportunidade de observar como nós fizemos com outros que até gostavam de ficar mas, não puderam porque têm de trabalhar, e é a realidade. Depois, também, mais tranquilamente conseguem arranjar coragem e <i>“Ok. Eu vou sair durante uma hora e daqui para uma hora eu volto”</i> ou <i>“Ok. Eu vou sair mas, se precisarem, promete que me liga”</i> , e eu mando as fotografias. Isso, às vezes, facilita...Porque nos outros sítios, a maioria dos pais, tem todos que entrar às nove horas no trabalho, ou às dez, ou sei lá que horas. E, aqui, eles entram, as crianças entram num espaço onde, às vezes, estão dez crianças a chorar”. (p.15/16)
		“E, aqui, eles entram, as crianças entram num espaço onde, às vezes, estão dez crianças a chorar”. RENATA - E aí não tem como não chorar também.

		RAQUEL- “Exatamente, porque, assim, <i>“se está toda a gente a chorar é porque isto é mesmo muito mal, deixa-me pôr a chorar também, para ver se alguém me vem salvar”</i>. Nós, este ano, houve um dia em não aconteceu isso, uma que não chorava nunca e, acabou por chorar porque estavam mais três a chorar, foi mesmo por contágio. Mas, gerou uma insegurança nela tão forte. que ela agora está com dificuldade de vir...Estes processos são curiosos.. e, a mãe tinha ficado no primeiro dia e, depois tinha deixado de ficar, agora já voltou a ficar, mas a presença da mãe não é benéfica. Na sala vamos ter de estar com aquela mãe, porque desta última vez a mãe veio e ficou, e é uma querida...A criança só interagiu com a mãe e, todas as tentativas de aproximação, quer dos adultos quer das crianças, foram sempre negadas por parte da criança. Então, vai ser preciso explicar isto de uma forma muito tranquila que, a mãe estando, os laços não se vão criar, que ela precisa confiar. Porque se não, vai ser um processo longo ou até um processo que não se vai dar. É só transferir o contexto, deixa de ser o contexto de casa para ser o contexto daqui. Ela em casa brinca com a mãe, agora mudou o contexto e brinca aqui. Enquanto há mãe, não há mais ninguém. São processos que tem muito a ver com a maneira de ser das crianças e, muito, muito, muito com a maneira de ser dos pais”. (p.16)
Concepções sobre a natureza		
Natureza e Educação	Um dos pilares do projeto educativo	“Porque eu queria algo que tivesse duas componentes muito fortes, componente da natureza e a componente artística, de expressão plástica e de expressão livre. E, eu acho que só em 2016, 2017 que a sociedade começou a ficar um bocadinho mais desperta para estas questões. Se eu tivesse arrancado com o Heróis da Terra mais cedo, se calhar, eu não ia ter a mesma receptividade. Porque foi o ano que chegou cá o Forest School, é o ano também em que começou a chegar cá...a ser mais reconhecido que chegou cá Reggio Emilia, que é o modelo assim pedagógico que eu...adoro.”. (p.02) “...e Reggio Emilia tem a componente artística, tem também a componente da natureza, mas as crianças não estão em bolhas. É permitido o uso das novas, das novas não...das tecnologias, o reutilizar de materiais que, se calhar de outra forma iriam para o lixo e aí.. e, então eu pronto, quando redigi o projeto educativo, do Heróis da Terra, foi um bocado com base nesses dois pilares, que é educação artística e contato com a natureza”. (p.02)
	Proporciona aprendizagens	“De vez em quando, “Vamos à horta” e, muitas vezes, de uma semana para a outra a horta está diferente. Porque se arrancaram coisas e plantaram-se coisas novas, porque eles próprios também, muitas vezes, participam desse processo, desde o plantar, mexer na terra ou arrancar. E, o próprio bosque, também tá sempre em constante transformação, porque a natureza é isso mesmo. E, depois, em função da estação do ano.. eles têm que se readaptarem e se reajustar. É como andar no exterior com um dia de sol, um dia de chuva, um dia de trovoadas, um dia de granizo. Eles têm que encontrar essa capacidade de se adaptarem àquela realidade. E, isso o quê que traz? Traz a aprendizagem”. (p.18)
Características e usos	É domesticada / utilizada	“Como...as desfolhadas, como as construções de colagens com margaridas... as vindimas...um bocado as coisas que são, que também está um bocadinho associadas às nossas tradições. Eu cresci numa quinta, minha avó tinha uma quinta onde tínhamos patos, galinhas, vacas...e tínhamos as vindimas, tínhamos as desfolhadas, tínhamos a páscoa, tínhamos o natal, e...num primeiro momento, eu acho que foi tentar proporcionar às crianças essa possibilidade.” (p.03) “E, depois, a parte do exterior. Quer dizer, eu como cresci numa quinta, tinha contacto com tudo e mais alguma coisa e também, depois, tínhamos muito o hábito de ir apanhar pinhas para o pinhal.. depois de ver e procurar aquilo que existia e que aparecia...e eu acho que

		cada vez isso é o mais fundamental, porque só conseguimos respeitar aquilo que conhecemos. Se nós não conhecemos, não podemos respeitar...nem temos consciência que as coisas existem”. (p.03)
		RENATA - O avô do André...
		RAQUEL- “O avô do André, o pai do Lucas no início com as pontes.. passou aí um dia ou dois dias, a fazer pontes com eles. Os pais do Otto e da Luna ficaram com a construção de uma música da floresta para a rádio floresta, que os miúdos criaram na floresta. E, os pais, também, vieram cá passar uma tarde conosco e, juntos, construíram a letra, utilizaram os recursos da natureza para criar a banda sonora da música (Risos).. quais mais pais que tenham vindo? Assim, ajudaram a construir coisas.. mas, agora assim, de repente não me estou a lembrar”. (p.12)
		“De vez em quando, “Vamos à horta” e, muitas vezes, de uma semana para a outra a horta está diferente. Porque se arrancaram coisas e plantaram-se coisas novas, porque eles próprios também, muitas vezes, participam desse processo, desde o plantar, mexer na terra ou arrancar ”. (p.18)
	Está em constante transformação	De vez em quando, “Vamos à horta” e, muitas vezes, de uma semana para a outra a horta está diferente. Porque se arrancaram coisas e plantaram-se coisas novas, porque eles próprios também, muitas vezes, participam desse processo, desde o plantar, mexer na terra ou arrancar”. (p.18)
		E, o próprio bosque, também tá sempre em constante transformação, porque a natureza é isso mesmo”. (p.18)
		E, depois, em função da estação do ano.. eles têm que se readaptarem e se reajustar. É como andar no exterior com um dia de sol, um dia de chuva, um dia de trovoadas, um dia de granizo. Eles têm que encontrar essa capacidade de se adaptarem àquela realidade. E, isso o quê que traz? Traz a aprendizagem”. (p.18)
	Comunica-se	“...Por isso que, com essas migrações e tudo, aquelas pessoas que estão todas ali, independentemente de tudo, elas são seres humanos como nós”.
		RENATA - Fugindo de uma situação difícil...
		RAQUEL- “Fugindo de uma situação difícil. Claro que pode, no meio daquela gente toda, aparecer um...pode. Mas, somos todos seres humanos. E, os imigrantes que vem de outros países, que andam por este mundo.. andamos todos por este mundo à procura de uma vida melhor, de uma vida mais estável, de uma vida...independentemente de tudo que nos obriga a mexer e a sair do nosso sítio, da nossa zona de conforto, nós somos todos seres humanos. É isso que se resume a nossa existência enquanto ser vivos. Aquilo que nos diferencia dos outros é sermos humanos, termos a capacidade de pensar diferente das dos outros. Porque os outros também pensam mas, de formas diferentes. Há aí agora estudos que as árvores também comunicam, também falam e também pensam ”
	Consciência Ecológica / Ética do cuidado	RENATA - Que tem uma comunicação por baixo, pelas raízes não é?
		RAQUEL- “É extraordinário. Viver é extraordinário...(risos)”. (p.22)
		“...e Reggio Emilia tem a componente artística, tem também a componente da natureza, mas as crianças não estão em bolhas. É permitido o uso das novas, das novas não...das tecnologias, o reutilizar de materiais que, se calhar de outra forma iriam para o lixo e aí.. e, então eu pronto, quando redigi o projeto educativo, do Heróis da Terra, foi um bocadinho com base nesses dois pilares, que é educação artística e contato com a natureza”. (p.02)
		“...e eu acho que cada vez isso é o mais fundamental, porque só conseguimos respeitar aquilo que conhecemos. Se nós não conhecemos, não podemos respeitar...nem temos consciência que as coisas existem. E, agora que se fala tanto, não é? Da nossa

		finitude enquanto planeta, já nem é enquanto humanos, é enquanto planeta...é importante que as crianças conheçam o planeta” (p.03) “...é importante que as crianças conheçam o planeta. E conhecer o planeta é conhecer a nossa rua, conhecer a comunidade que nos envolve, conhecer o pinhal, o bosque, o jardim público qualquer que seja, o que fica lá próximo...é conhecer os vizinhos, que é para todos juntos ir conhecendo-nos, aprendendo a nos respeitarmos, e juntos podemos construir algo que possa fazer sentido para todos, que seja melhor para todos. Melhor enquanto ser humano e melhor como cuidadores dessa casa comum que é o planeta Terra. Pronto, e penso que foram um bocado essas razões todas que me levaram a...fazer nascer o Heróis da Terra...” (p.03) “...é conhecer os vizinhos, que é para todos juntos ir conhecendo-nos, aprendendo a nos respeitarmos, e juntos podemos construir algo que possa fazer sentido para todos, que seja melhor para todos. Melhor enquanto ser humano e melhor como cuidadores dessa casa comum que é o planeta Terra. Pronto, e penso que foram um bocado essas razões todas que me levaram a...fazer nascer o Heróis da Terra...” (p.03)
--	--	--